N.º 246 — 11.º ano

6-MARÇO-1936

PREÇO-5 escudos

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535
N.º 246 — 11.º ANO
16 — MARÇO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

Um assassínio cometido em condições particularmente misteriosas tem suscitado nos ultimos tempos o interêsse da opinião pública.

Todas as diligencias da polícia para descobrir o autor ou autores do repugnante crime têm resultado inúteis. E o perigo de que êle fique impune começa a tomar vulto, a despeito do afinco pôsto pelos agentes policiais em desvendar o mistério.

Alguns jornais de Lisboa propuseram-se colaborar nas investigações com a mais ingénua boa vontade e inexperiência. Não cremos que seja essa a missão da Imprensa nem a quási totalidade dos profissionais nisso empenhados está à altura de exercer essas funções. Poderiamos citar a propósito que mesmo em França alguns grandes jornais ficaram em posições pouco airosas por terem recorrido aos serviços dos teóricos do «dectivismo» por ocasião da morte do juiz Prince.

A reportagem do crime deve orientar-se num sentido moral, perdendo embora o caracter de sensação, que estimula certas paixões mórbidas Para isso e para não estorvar o trabalho da polícia, deve sujeitar-se voluntariamente a certas restrições, que no final só a dignificam.

A Belo Redondo — um dos nossos melhores reporteres do crime, que distrai uma brilhante actividade com os seus violinos da Ingres, no jornalismo e no teatro — várias vezes temos ouvido defender esta mesma doutrina.

■

O mesmo caso tristemente célebre sugere-nos reflexões sobre outro problema da máxima importância: a organização científica da polícia na luta contra o crime.

A criminalidade é entre nós, felizmente, deminuta. Alem disso raro excede os limites do crime passional, conseqüência trágica do temperamento da raça e da sua cultura.

O crime «intelectual» é raro. Os assassinos procedem quási sempre sob o impulso duma alucinação de que não tardam a cair em si, arrependidos e esmagados pelo destino. Os casos de criminosos conscientes que lutam de inteligência com a polícia contam-se pelos dedos duma mão. Mas o mais grave é que esses quási sempre ficam impunes.

A polícia serve-se ainda de armas rudimentares. Os recursos da ciência não se encontram postos ao seu serviço de modo a permitir-lhe nos casos complexos uma acção eficaz. A colaboração dos laboratórios nas investigações não tem ainda o caracter da íntima ligação que deve ter. Os próprios serviços do Posto Antropométricos não são chamados a intervir em muitos casos em que o seu concurso poderia ser decisivo.

E' êste um problema que precisa de ser olhado com atenção e resolvido com urgência. A sociedade não pode prescindir hoje da ciência para expurgar do seu seio os elementos nocivos.

Considerado no conjunto, o português tem faculdades intelectuais notáveis que os outros povos não hesitam em reconhecer. Pode dizer-se que dispõe dum poder de assimilação invulgar, dum entendimento rápido e de aptidões duma grande maleabilidade.

Estas qualidades são porém compensadas por um defeito que delas resulta e que em parte as anula e destroi. O português é, por natureza, um *dilletanti*. Em todos os ramos da actividade raro excede a categoria do amador, do curioso. As suas faculdades de assimilação levam-no a divagar nos limites da cultura, colhendo desenfastiadamente os seus conhecimentos aqui e além, sem ordem nem método. Despreza a especialização que se lhe afigura acanhada e prefere uma cultura geral, tôda à superfície.

Daí o serem raros os verdadeiros profissionais, aqueles que nos limites da sua actividade orientam o espírito num único sentido, procurando constantemente aperfeiçoar-se.

Parece-nos existir entre os novos uma salutar reacção a esta tendência, reacção que, de resto, as condições da vida moderna impõe cada vez mais imperiosamente. Bem desejamos que assim seja porque nada há mais parecido com saber tudo do que tudo ignorar.

■

Existe na Jugo-Eslávia uma aldeia onde todos os habitantes do sexo masculino são cegos. Chama-se Vetrenik e foi corajosamente fundada por um grupo de vítimas da guerra que vivem da agricultura e da criação de gado. Por intermédio da Imprensa pediram há dois anos esposas e o número de pretendentes foi três vezes superior ao necessário. Declaram-se felizes, entregues às suas modestas ocupações.

Admirável ambiente para uma reünião do Conselho da S. D. N. ou de quaisquer outros organismos destinados a regular os litígios entre os Estados! Verificar-se-ia então que para começarem a ver claro na tenebrosa teia dos interesses que urdem a guerra, os homens precisam primeiro de cegar nos campos de batalha.

■

A Alemanha, violando as clausulas do Pacto de Locarno, regressou aos seus métodos diplomáticos de 1914. A singular tese de que os tratados são farrapos de papel é desta vez mais bem justificada com o argumento de que as obrigações agora repudiadas foram impostas pela fôrça após a vitória dos Aliados. No fundo, porém, o processo é o mesmo e idênticas as suas conseqüências nas relações entre os povos.

Sabido como é que a atitude de Guilherme II em 1914 teve fundas repercussões na moral humana — como a rehabilitação do ludíbrio e a consagração da lei do mais forte — ocorre preguntar se a atitude actual não virá contribuir para agravar a crise da honestidade do nosso tempo.

■

O receio da guerra por parte das nações civilizadas faz derivar os Estados mais audaciosos para a política do «facto consumado».

O expediente é simples e até hoje tem dado os mais animadores resultados. Uma potência tem qualquer reivindicação em aberto, uma ambição a satisfazer? Resolve o caso por suas mãos com total indiferença pelos interesses alheios.

Vêm depois os protestos diplomáticos, as negociações, mas a situação não se altera e o objectivo em vista fica atingido. O único modo de repor as cousas no seu lugar seria a guerra e é isso que se pretende evitar a todo o custo, mais pelo receio das suas conseqüências sociais do que por generosos idealismos pacifistas.

A política do «facto consumado» torna-se assim na verdadeira politica do êxito. E não é de estranhar que a Alemanha e o Japão a prefiram a qualquer outra.

Esta similitude de processos estabelece mesmo um paralelo tão sensível entre as duas potências que já correu com insistência o boato de que uma aliança militar secreta ligava os dois países em vista de futuros cometimentos de maior vulto.

■

Eduardo VIII numa mensagem dirigida à Câmara dos Comuns e relativa à sua lista civil pede que seja considerada a hipótese do seu casamento.

O caso provocou natural sensação e não tardou em aventar-se nomes de possíveis candidatas ao trono britânico.

Em boa verdade, o rei nada mais fez do que admitir a hipótese o que bem se compreende se dissermos que a votação da lista civil só se faz uma vez em cada reinado e deve prever as várias contingências do acréscimo da despesa.

A única conclusão a tirar, por enquanto, deve ser a de que Eduardo VIII se prepara com tranqüila coragem para cumprir o seu dever de assegurar a descendência directa da corôa.

M. R.

VERSOS E FLORES

OS POETAS DA PRIMAVERA

Harmonias que vieram ao Mundo com as rosas

Bulhão Pato

A Primavera, sendo a estação do ano mais cantada pelos poetas, não quere que se extingam os seus cantores, trazendo-nos, sempre que pode, os mais cintilantes espíritos.

Foi a Primavera que nos trouxe o divino João de Deus (nascido em S. Bartolomeu de Messines no mês de Março de 1830), poeta inimitável que, na definição de Camilo, foi "o herdeiro do melhor oiro de Camões e Bernardim Ribeiro».

Os jornais alemães *Morgen Zeitung* e *Volkswacht* chamaram ao autor da "Cartilha Maternal» o "Pestalozzi português». Prestando assim uma homenagem ao nosso eminente pedagogo, maior a teriam prestado a Pestalozzi se lhe pudessem chamar com justiça idêntica, o "João de Deus suíço».

A obra do altíssimo poeta que a Primavera nos trouxe não tardou em transformar-se num "Campo de Flores» tão vasto, tão matizado e tão belo que só o Messias do Lirismo Nacional o poderia ter semeado.

Paremos neste canteiro:

Que é dêsses cabelos de oiro
Do mais subido quilate,
Desses labios de escarlate,
Meu tesoiro!

Que é dêsse hálito que ainda
O coração me perfuma!
Que é do teu colo de espuma,
Pomba linda!
....

Que é dessa alma que me dêste,
Dum sorriso, um só que fôsse,
Da tua boca tão dôce,
Flôr celeste!

Tua cabeça, que é dela,
A tua cabeça de oiro...
Minha pomba! meu tesoiro!
Minha estrêla!

O nosso querido poeta que a Primavera nos trouxe foi-nos arrebatado pelo Inverno. Faleceu em Janeiro de 1896, tendo pouco antes feito esta promessa à juventude académica que promovera a sua consagração:

Que vindes cá fazer, ó mocidade?
Despedir-vos de mim? Quanto vos devo!
Também levo de vós muita saudade,
E, em lá chegando à outra vida, escrevo.

Escreverá? Meses antes de falecer, ofereceu a Bulhão Pato uns versos de pêsames pela morte duma irmã, que terminavam assim:

Mas é possivel que acabe
O mal como o bem? Não é.
Não é a razão que o sabe,
Só quem o sabe é a fé.
Mas... a pó não se reduz
A luz, a alma do homem;
Nem os vermes a consomem...
Que os vermes não comem luz!

Bulhão Pato, a quem estes versos foram dirigidos, foi também trazido pela Primavera, pois nasceu em Março, na cidade de Bilbau, tendo a honra de ser o último poeta romântico de Portugal.

Guilherme Braga

Ditosos tempos em que eram recitados ao piano aqueles seus versos:

Era no outono, quando a imagem tua,
A' luz da lua, sedutora vi...

Em pleno Agosto agonizava como um santo, sempre cheio de romantismo, e patenteando aquela sublime resignação que se reflete nestes seus versos:

Fica num alto e é bonito
O cemitério daqui.
Da casita onde eu habito
Em dois passos... chego ali.
....

Oiço o mar; não fica longe,
E' gratissimo escutar,
Nesta solidão de monge,
Os movimentos do mar!

E os meus sentidos absortos
Nas memórias do passado
Ouvem falar os meus mortos!...

Gonçalves Crespo foi outro grande poeta que a Primavera nos trouxe, pois veio ao Mundo num lindo dia de Março, na cidade do Rio de Janeiro.

Quem não conhece aqueles versos que fizeram uma época?

Quando canta a Maldonado
E os quadris saracoteia,
Não é mulher, é sereia,
Não é mulher, é o pecado.

Ao vê-la, pois, enleado,
Perco o siso, o verbo, a ideia,
E um desejo audaz se enleia
Neste meu peito bronzeado.

Chamei-te sereia! engano!
Nunca tolice maior
Borbotou do lábio humano.

Que tôda a sereia, flôr,
Finda em peixe... e, ou eu me engano,
Ou tu acabas... melhor.

Guilherme Braga foi outro altíssimo poeta que a Primavera nos trouxe. Nasceu no Porto, no dia 22 de Março de 1845. A sua curta vida por êste mundo foi sempre atormentada por espinhos... talvez por ter nascido entre flores. Tinha horror ao Inverno que tortura os desprotegidos da fortuna. Aquela elegia "Em Dezembro» testemunha bem quanto se confrangia o coração do poeta com os males alheios:

Gonçalves Crespo

Meu Deus! O Inverno afugenta:
teu bom sol nos manda em breve,
roubando aos ceus a tormenta,
roubando aos campos a neve.
....

Do pobre, à núa existência
bastam-lhe os dias serenos!
Se lhe não chega a opulência,
o calor chega-lhe ao menos...

E é boa e santa a alegria
de quem no espaço descobre,
sôbre o azul dum claro dia,
o sol — o fogão do pobre!

Amou enternecidamente as crianças,

Estas porções pequeninas
do ceu, caídas nos lares,
que têm azul nos sorrisos
que trazem sol nos olhares;

Estes enviados celestes,
que entram assim pelas casas,
astros, escondendo o fogo,
anjos escondendo as asas...

São bênçãos tomando a forma
que a gente vê nas crianças,
bênçãos de Deus, tôdas trémulas
do vago alvor das esp'ranças...

Desditoso visionário! Viu o seu lar povoado por essas "porções pequeninas de céu» — cinco filhinhas encantadoras — e viu-as morrer, uma após outra, ceifadas pela tuberculose.

Na sua dor infinita, o pai ruge:

Hei de orar? Mas na sombra da consciência
não me luzem cá dentro ignotos brilhos!
Hei de crêr? Mas a mão da Providência
tem garras para mim... rouba-me os filhos!

Tempos depois, na extrema agonia, o poeta pediu que lhe chegassem o leito para o pé da janela. Queria ver o ceu. Estava uma linda noite de Julho... Soltou então êste lamento:

Meu Deus! sofre-se assim ..
e o ceu cheio de estrelas!

E, num derradeiro soluço, rendeu o seu espírito suavíssimo... Tinha completado vinte e nove anos pela Primavera! Se, um dia, podéssemos pensar a sério na consistência da vida, e no que ela vale, sentíriamos pena de ter vindo ao Mundo...

Outro poeta que a Primavera nos trouxe... Este não é fácil adivinhar quem é. Nasceu em Lisboa em 28 de Março de 1810. No dia do seu aniversário natalício, a bordo da "Juno», na baía de Biscaia, ensaiava lamentosos versos, mergulhado no desalento que lhe traziam as lutas liberais.

João de Deus

Alexandre Herculano

É ainda êste rapaz de vinte e dois anos que se arvora em Scipião, ao gritar bem alto a sua revolta que tem assomos de leão e ímpetos de hiena:

Terra infame! — de servos aprisco,
Mais chamar-me teu filho não sei:
Desterrado, mendigo serei;
De outra terra meus ossos serão!
Mas a escravo, que pugna por ferros,
Que herdará só maldita memória,
Renegado da terra sem glória
Nunca mais darei nome de irmão!

E termina o seu grito de guerra contra os miguelistas:

Combatamos! O ferro se cruze,
Assobie o pelouro nos ares;
Estes campos convertam-se em mares
Onde o sangue se possa beber!
Larga a vala! — que, após a peleja,
Nós e êles seremos unidos!
Lá, vingados, e do ódio esquecidos
Paz faremos... depois de morrer!

Este revoltado era o futuro grande historiador, o nosso incomparável Alexandre Herculano, o poeta da "Harpa do Crente» que a Primavera nos trouxe!

IX EXPOSIÇÃO
DO GRUPO «SILVA PORTO»

Em cima: *«Inundação» de João Reis.* A' direita: *«A apanha da batata» de Alves Cardoso*

Sob o nome prestigioso de Silva Porto agrupa-se uma pleiade de pintores ilustres, cheia de tradições artísticas, que se encontra hoje reduzida a três componentes — mestre Carlos Reis, João Reis e Falcão Trigoso.

No cumprimento da sua missão, o Grupo Silva Porto acaba de nos dar a sua nona exposição nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Mestre Carlos Reis apresentou nove magníficas telas, em que atesta a sua longa experiência e os seus profundos conhecimentos. O seu pulso acusa o vigor de sempre na pincelada e a sua visão conserva a acuïdade que se traduz por frescura de côres e delicadeza de cambiantes.

Falcão Trigoso concorreu com 16 quadros, inspirados em paìsagens do litoral português. E manifesta uma técnica subtil no emprêgo das delicadas meias tintas em que êsses motivos abundam.

João Reis, um artista em que é agradável verificar os progressos constantes, apresentou dezassete quadros, que afirmam os seus progressos.

De Silva Porto exibe-se em lugar de honra um admirável quadro. E a memória de Alves Cardoso é também evocada em dois belos quadros «Apanha da batata» e «Vindima».

«Fragilidade», um belo quadro de Carlos Reis ←

«Concerto da rede» de João Reis →

Em baixo: *«Pagã (Urça)» de Falcão Trigoso e «A moleirinha» de Carlos Reis*

O FIM DE UMA LONGA VIDA

Dr. Joaquim de Vasconcelos, carvão de Joaquim Lopes

A morte do erudito investigador dr. Joaquim de Vasconcelos, ocorrida no dia 1 do corrente na cidade do Porto, constitui uma perda nacional. A sua longa carreira, tôda dedicada ao serviço da Pátria e da Ciência, representa um exemplo nobilíssimo que infelizmente não está sendo seguido nos tempos que vão correndo.

Conviveu com as individualidades mais ilustres de Portugal dêstes últimos sessenta anos e manteve relações de intercâmbio cultural com os mais notáveis cientistas estranjeiros do último quartel do século XIX.

Os seus primeiros estudos foram feitos na Alemanha, para onde fôra enviado, tendo apenas dez anos de idade. Ali conseguiu uma educação que muito contribuiu para fortalecer a sua formação intelectual de esteta e crítico. Viajou, depois, pela Europa, demorando-se na Dinamarca, na França e na Inglaterra. Nisto, rebentou a guerra franco-prussiana, e o dr. Joaquim Vasconcelos veio recolher-se a Coimbra.

Mas o seu espírito irrequieto não cabia no ambiente da veneranda cidade universitária. Logo que lhe foi possível, voltou à Alemanha e por lá se demorou, visitando museus, bibliotecas e arquivos. Assim conseguiu reunir os elementos dispersos que o habilitaram a estudar, dentro dos mais austeros princípios de análise e de crítica, os artistas portugueses dos séculos passados. A sua idéia fixa e perene era escrever a História Artística de Portugal com a amplitude merecida.

E, assim, da sua obra de crítico eminente surgiram trabalhos de envergadura como «Os músicos portugueses», «Arqueologia Artística», «Ensejo crítico sôbre o Catálogo d'El-Rey D. João IV», «Catálogo de livraria de música de El-Rey D. João IV», «O Fausto de Goethe e a tradução do Visconde de Castilho». Os seus magníficos ensaios sôbre Alberto Dürer, Damião de Gois, Luiza Todi, Vieira Lusitano e Marcos Portugal são hoje a mais segura fonte de consulta. Animado ainda no desejo de fazer ressurgir as antigas «indústrias caseiras» que tão eloqüentemente afirmavam as ingénuas e belas tradições artísticas do povo português, Joaquim de Vasconcelos organizou e tornou célebre o antigo Museu Industrial e Comercial do Porto que não sabemos que rajada de malvadez selvática fez derruír com tantas preciosidades.

Foi amigo íntimo e confidente de Antero de Quental, tendo-o hospedado na sua residencia quando, a convite da academia portuense, o cantor das «Odes Modernas», vindo do seu refúgio de Vila do Conde, chegou ao Porto para ser proclamado triunfalmente o presidente da «Liga Patriótica do Norte» nesses tempos agitados do ultimato de 1890.

Como polemista, teve a honra de esgrimir com o gigante de Seide que impiedosamente o zargunchou nas páginas memoráveis das «Noites de Insónia».

A' semelhança de Francisco Martins de Sarmento, o professor Joaquim de Vasconcelos foi um apaixonado e escrupuloso investigador, devendo-se-lhe a autoria dos mais notáveis estudos sôbre a arte romànica em Portugal, para o que buscou a colaboração valiosa de Marques Abreu, seu dedicado companheiro nas longas jornadas de uma peregrinação de devotado fervor artístico.

O dr. Joaquim de Vasconcelos em 1890

O número extraordinário dos «Pontos nos i i», publicado em 23 de Outubro de 1890 com exclusiva referência à Exposição Portuguesa de Paris, dedicava a sua página de honra ao ilustre professor Joaquim de Vasconcelos, enaltecendo-lhe a sua já vasta fôlha de serviços.

O retrato do eminente sábio, traçado pelo lápis prodigioso de Rafael Bordalo Pinheiro, tinha esta significativa legenda:

«A iniciativa da Sociedade de Instrução, do Porto; os trabalhos importantíssimos da exposição de cerâmica nacional; o excelente museu industrial etnográfico, onde se admiram as magníficas coleções de rendas e tecidos nacionais conhecidos entre nós — digámo-lo com vergonha — quando apresentados sob o baptismo estrangeiro; as soberbas exposições que mensalmente se instalam no museu industrial, e tantos outros serviços de alto vulto, prestados ao comércio e à indústria pelo benemérito professor Joaquim de Vasconcelos, eis os títulos que lhe dão direito a um logar eminente no meio dos nossos homens mais ilustres, em cuja galeria o registamos, como cidadão prestimoso e carácter nobilíssimo».

Já lá vai quási meio século! De então para cá, o infatigável trabalhador não teve um momento de descanço.

Há sete anos, em 19 de Fevereiro de 1929, o escol dos nossos investigadores e críticos de Arte reuniu-se no Porto para prestar ao Mestre insigne uma simpática homenagem de louvor, de reconhecimento e de gratidão. Foi uma festa muito íntima, mas altamente honrosa para o venerando pedagogista, que se confessou extremamente penhorado, dizendo-se bem pago assim, das inúmeras canseiras e penosos sacrifícios que suportara e vencera para levar a bom termo o seu patriótico apostolado de incansável peregrino em busca de novos elementos que o levassem a estabelecer, em bases definitivas, os estudos dogmáticos da nossa História de Arte.

Extinguiu-se a vida dêsse venerando ancião de 87 invernos como a daquele santo João de Scórdio de que nos fala Gabriel D'Annunzio:

As suas mãos ossudas, sêcas, tisnadas, que pareciam fundidas em bronze vivo, não paravam nunca, não conheciam talvez a fadiga. Um dia, exclamei:

«— Quando é que as tuas mãos descansarão?

«O homem íntegro olhou para as suas mãos com um sorriso; contemplou as costas e a palma, voltou-as ao sol, por cima e por baixo. Aquêle olhar, aquêle sorriso, aquêle sol, aquêle gesto davam àquelas mãos calosas uma nobreza soberana. Calejadas pelas ferramentas agrícolas, santificadas pelo bem que tinham espalhado, pelo imenso labor que tinham fornecido, aquelas mãos agora, eram dignas de levar a palma.

«O velho cruzou-as no peito, segundo o rito mortuário dos cristãos, e respondeu, sem cessar de sorrir:

«— Brevemente, meu senhor, se Deus quizer. Quando mas puzerem assim, no caixão. Amen».

O último retrato do Mestre

As amadas do poeta do Neiva

Nos memoráveis tempos de D. João III houve um poeta que teve a coragem de confessar a sua altivez entre uma matilha repelente de aduladores palacianos. Foi o nosso grande Sá de Miranda que a si próprio se definia nas cartas que enviava ao sombrio monarca, usando dos seguintes termos:

Homem dum só parecer,
Dum só rosto e uma só fé,
Dantes quebrar que torcer,
Outra coisa pode ser,
Mas da côrte homem não é.

Passou agora mais um ano sôbre a sua morte, podendo dizer-se que jaz esquecido, pois só os eruditos se preocupam, de longe em longe, com a sua personalidade e a sua obra! E, no entanto, a literatura portuguesa muito deve a êste Mestre que andou durante cinco anos por Milão, Veneza, Florença, Roma, Nápoles e Sicília em estudos profundos, voltando a Portugal com as fôrças necessárias para romper com a poesia palaciana da Idade Média. Como admirador entusiasta de Petrarca, introduziu em Portugal o hendecassílabo jâmbico italiano, e abriu, por fim, uma nova era que não deve ser despresada. Foi incontestavelmente o fundador do terceiro período da poesia portuguesa que, em 1572, havia de atingir o ponto culminante com os prodigiosos versos de Camões.

Hoje em dia, quando se fala de Sá de Miranda, é tão sòmente para lhe sondarem as aventuras amorosas que porventura teve como digno continuador de seu pai, o cónego Gonçalo Mendes que, além de mais três filhos, o houve duma dama nobre e solteira chamada D. Inês de Melo. Verdade seja que êste cónego teve o desassombro de legitimar os bastardos por meio de cartarégia que D. João II se dignou mandar passar com tôdas as honras.

O futuro grande poeta passou a sua meninice em Buarcos em casa de sua avó D. Felipa de Sá, casada com João Gonçalves de Miranda, e daí o nome de Sá de Miranda que tão glorioso se havia de tornar.

A sua vida aventurosa fez-lhe conhecer várias damas que requestou, salientando--se a ilustre poetisa D. Leonor de Mascarenhas que lhe trouxe longas insónias e zêlos agrilhoantes.

O Poeta do Neiva suspirava:

De quem me devo queixar?
De vós que pudera ser,
Não vos sabe alma culpar;
Fica sòmente o sofrer,
Se mais fica, é suspirar...

. . . .

Ora, os suspiros que são
Salvo ar espalhado ao vento?
Onde brada o coração
Nossos ouvidos não vão,
Deixam tudo ao entendimento.

Que me eu quizesse queixar,
Quem me poderia crêr?
Deixai! Já venha o pesar,
Que pode o pouco empècer
Que pode o muito durar!

Comigo me desavim,
Sou posto em todo perigo;
Não posso viver comigo,
Nem posso fugir de mim!

Quem seria esta ingrata? Eis o enigma que muitos investigadores tentam solucionar, sem o menor resultado até hoje.

Seria D. Leonor de Mascarenhas? Sabemos que esta ilustre dama, natural de Almada, e mais nova dezoito anos que Sá de Miranda, versejou de camaradagem com êste e com Bernardim Ribeiro que chegaram a cognominá-la de "Marquesa de Pescara portuguesa", irmanando-a assim à famosa Vittoria Colonna italiana.

Sabemos ainda que freqüentando a casa de Crasto, conheceu ali D. Briolanja de Azevedo, irmã de Manuel Machado, a qual pediu em casamento. Realizou-se êste enlace por intervenção de D. João III em 1536.

A tôrre da casa de Crasto

Frei Luiz dos Anjos diz no seu "Jardim de Portugal" que D. Leonor de Mascarenhas desde o princípio da sua vida desejou ser freira, chegando a edificar em Madrid, à sua custa, um mosteiro da ordem de S. Francisco. Sentia-se desgostosa do Mundo, e daí o declarar nos seus versos:

Desejos meus e cuidados
Não são postos nesta vida...

Sá de Miranda

Ao mosteiro que edificou na capital espanhola "pôs-lhe o título dos Anjos, porque (no dizer do frade crónista) êste nome merecem as mulheres que, deixadas as coisas do Mundo, se metem a servir a Deus naquele e semelhantes paraísos da Terra".

A poetisa preferiu o caminho do céu aos requebros enternecidos do Poeta do Neiva. Devemos salientar, no entanto, que a fundação do mosteiro se efectuou, tendo ela já 61 anos de idade...

Mas seria esta a primeira paixão de Sá de Miranda?

Alguns investigadores são desta opinião, enquanto outros se inclinam a dar como inspiradora da paixão do poeta uma outra senhora que em vida se chamou D. Isabel Freire. E, como se não bastasse, surge também a própria Vittoria Colonna, marquesa de Pescara, como uma das requestadas de Sá de Miranda.

E enfronham-se todos em investigações minuciosas para que se apure devidamente qual delas poderia ter sido a verdadeira!

E porque não haviam de ser as três, à semelhança do que sucedeu com Camões que se inspirou numa boa duzia delas?

Júlio Verne e sua esposa

Júlio Verne e os submarinos

QUANDO Júlio Verne criou o seu famoso *Nautilus* das "Vinte mil léguas submarinas„, todo o mundo que o leu tributou homenagem ao visionário que já tinha andado pela Lua em viagem maravilhosa, mas ninguem teve a mais ligeira noção do que estaria para surgir no curto praso de meio século.

Ainda recordamos a magnífica biblioteca de doze mil volumes que o capitão Nemo tinha a bordo do seu submarino, e que o seu possuidor definia assim:

"São os únicos elos que ainda me prendem à Terra. Para mim o mundo acabou no dia em que o meu *Nautilus* mergulhou pela primeira vez nas águas. Nêsse dia comprei os meus últimos volumes, as minhas últimas brochuras, os meus últimos jornais, e de então para cá, é como se a humanidade não tenha escrito nem pensado mais. De resto, êstes livros estão à sua disposição, e pode servir-se dêles quando quizer„.

Agora, que passa mais um aniversario sôbre a morte do profeta excelso das maravilhas científicas, e em França acaba de organizar-se a "Sociedade dos Amigos de Júlio Verne„, o ilustre escritor dr. João de Barros salienta que "leitura familiar das crianças de inúmeros países, talvez em parte alguma, como entre nós, os romances de Júlio Verne constituissem o único alimento espiritual de gerações e gerações de adolescentes, que há trinta, quarenta ou cinqüenta anos atraz despontavam para a sequiosa, para a impetuosa conquista e visão da vida„.

Como sempre sucede, aparecem maldizentes mais ou menos enfatuado, cujos remoques tresandam a inveja a centenas de quilómetros.

Desta vez, é Pierre Bost que, comentando a fundação da simpática Sociedade, aliás louvando sem restrições uma tão generosa iniciativa, diz que Júilo Verne não foi um escritor, e que está fóra do *plano literário!*

Demónio! não há de ser tanto assim... Daqui a um, dois, três, e mais séculos há de continuar a ser glorificado o nome portentoso de Júlio Verne por gerações que nem sequer deram fé da passagem felizmente efémera do sr. Pierre Bost por êste mundo.

Júlio Verne foi "um magnífico professor de energias„, e "a sua obra tomou grande parte no acordar de certas vocações de exploradores e navegadores modernos„ — no dizer do inspirado poeta do "Anteu„.

Isto não conseguiu ainda o sr. Bost com tôdas as suas prosápias estilistas e o seu azedume de despeitado.

Quando o engenheiro norte-americano Simon Lake se decidiu a construír o primeiro submarino — o famoso "Argonauta„ com o qual realizou explorações prodigiosas no fundo do mar — estava obcecado pelas leituras de Júlio Verne. Se lhe dá para ler Flaubert, deleitaria o espírito, mas nunca saìria da cêpa torta...

Resta-nos uma consolação nestas palavras com que Júlio Verne remata as "Vinte mil léguas submarinas„: "O que se passou durante aquela noite, como a lancha escapou ao formidavel redemoinho de Maelstrom, como Ned-Land, Conseil e eu saímos do precipício, não sei dizê-lo; mas quando voltei a mim, estava deitado na cama de um pescador das ilhas Loffoden. Os meus dois companheiros, sãos e salvos, achavam-se perto de mim e apertavam-me as mãos. Abraçamo-nos com efusão.

"Agora não podemos regressar à França. Os meios de comunicação entre a Noruega setentrional e o sul são raros. Vejo-me, pois, obrigado a esperar a passagem do vapor que faz o serviço bimensal do Cabo Norte.

"É, pois, no meio desta honrada gente que nos acolheu, que revejo a narrativa das minhas aventuras.

"Acreditar-me-ão? Não sei, e pouco importa. O que posso afirmar agora é o meu direito de falar dêsses mares, por baixo dos quais, em menos de dez mêses, percorri vinte mil léguas, dêsse giro do mundo submarino, que me revelou tantas maravilhas através do Pacífico, do Oceano Indico, do Mar Vermelho, do Mediterranêo, do Atlântico, dos mares austrais e boreais!

"Portanto, à pregunta feita há seis mil anos pelo *Eclesiastes*: "Quem pôde jàmais sondar as profundezas do abismo?„ dois, entre todos os homens, têm direito de responder agora. O capitão Nemo e eu„.

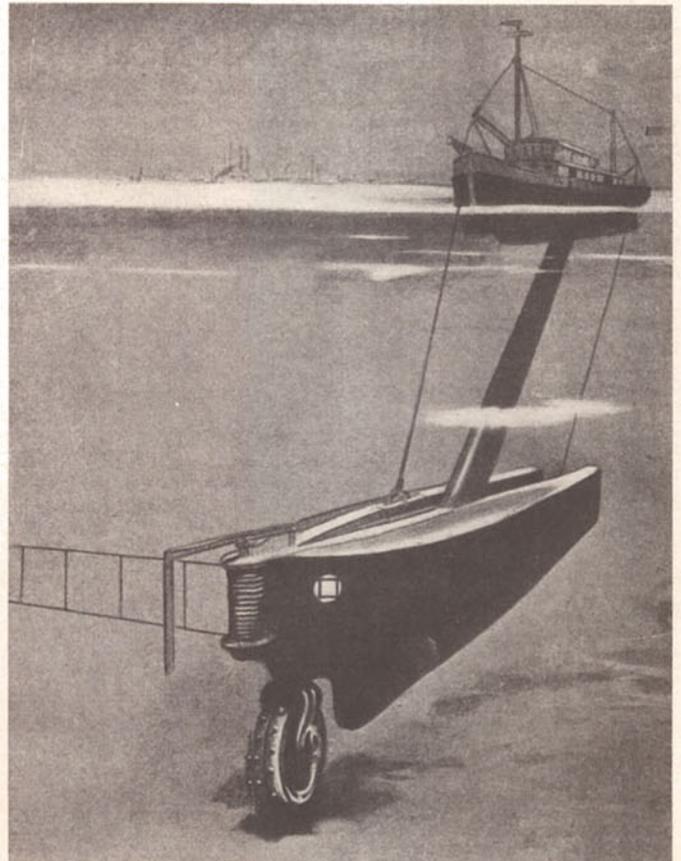
Decorreram anos. Na América do Norte apareceu o engenheiro Lake a realizar o plano esboçado pela prodigiosa imaginação de um escritor.

Uma utopia que se transformava em realidade.

Agora, que "o Progresso tornou livres as verêdas dêsse elemento inacessivel ao homem„, conforme o vaticínio de Júlio Verne, muitas vozes se levantam a responder com arrogância à famosa pregunta bíblica. Mas nêsse tempo, em que o visionário de Amiens idealizava as "Vinte mil léguas submarinas„, só um homem se atreveu a responder com clareza.

E êsse homem foi Júlio Verne.

O submarino hidrografo do engenheiro Lake

HOMENAGEM AO VEDOR DE SAGRES

Ainda há poucos anos, quem visitasse a cidade do Porto, e preguntasse pela casa onde nasceu o Infante D. Henrique, seria conduzido a um armazem de bacalhau, situado a poucos passos do rio Douro. Edifício brazonado, ostentando uma lápida evocadora do glorioso acontecimento, mas atirado ao mais completo abandono! Assim, o Porto tomou a iniciativa de erguer uma estátua ao ínclito filho de D. João I, gravando-lhe numa das faces a única estrofe que o imortal cantor das glórias nacionais lhe concedeu:

Assi fomos abrindo aquêles mares
Que geração alguma não abriu,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique descobriu.

Pois no dia 4 de Março de 1894, festejando-se o 5.º centenário do nascimento do Infante, foi assentada solenemente a primeira pedra do monumento na muito nobre, leal e invicta cidade do Porto. Presidira à cerimónia o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia.

A figura gigantesca do Vèdor de Sagres merecia esta consagração.

Mas houve sempre a tendência para a ingratidão, tanto em Portugal como em todos os países do Mundo. E, às vezes, nem só a ingratidão é a recompensa dos beneméritos: surge também a calúnia que, tendo-os perseguido em vida, aacab por ir sentar-se-lhes sôbre os túmulos.

Ao Infante D. Henrique, a mais grave acusação que lhe fazem é o desinterêsse que manifestou pela desventurada sorte de seu irmão D. Fernando, cativo em Fez.

Quando da desastrosa jornada de Tanger, D. Henrique tomara o comando das fôrças (uns seis mil homens) na ânsia de engrandecer a sua Pátria. Acompanhava-o seu irmão D. Fernando. Após vários assaltos à praça, em que apenas se sacrificaram vidas, os nossos viram-se cercados pelos dois poderosos exércitos que os reis de Fez e de Marrocos enviaram em socorro de Tanger.

D. Henrique atreveu-se, ainda assim, a enfrentar o inimigo com o seu pequeno exército dizimado pelas febres e pelo cansaço. Nessa peleja, que ficou memorável, foram cometidos tais actos de bravura que são lembrados ainda hoje pela moirama!

Dali a poucos dias, o Infante D. Henrique desembarcava em Ceuta com os restos do seu exército, mas sem o seu amado irmão que com vários fidalgos portugueses, ficara como refens em poder de Çalá-ben-Çalá. Em troca, o moiro exigia a entrega de Ceuta.

E' bom salientar que, nêsse momento, se travou uma outra luta mais comovedora do que a travada antes em frente das muralhas de Tanger. Foi a luta de amor fraternal aberta entre D. Henrique e D. Fernando. Qualquer deles disputava com igual veemência o direito de sacrifício! D. Henrique foi o primeiro a oferecer-se como refens, ante os protestos do irmão que alegava ser a êle que competia êsse sacrifício, visto não fazer tanta falta como o comandante das fôrças portuguesas. Ao cabo de longa disputa, D. Henrique cedeu, voltou livre, mas deixou a alma cativa junto do irmão que estremecia.

Devorado pela mais negra melancolia, caíu enfermo logo que chegou a Ceuta, onde seu irmão D. João o foi visitar. Ambos trataram, com o maior interêsse, de resgatar o cativo, mas tudo foi baldado. Ceuta era o único resgate que o moiro exigia...

Quando D. Henrique deu conhecimento do triste facto a seu irmão D. Duarte, salientou-lhe com a maior firmeza:

— «Considero Ceuta como porta aberta, para em algum tempo vir a África rendida beijar vossos pés, ou de vossos sucessores, se êles com o cetro vos herdarem o zêlo».

O Infante falava como um homem que sabia ler no presente a história do futuro. Sobejas provas dera êle do seu amor pelo irmão cativo, mas sobrepujava-lhe no coração o amor da Pátria e qualquer outro sentimento. São bem significativas estas que dirigiu a el-rei seu irmão:

— «Parece-me que pela liberdade do nosso irmão deis todos os prisioneiros que tendes, e todos os que poderdes haver por outros reinos. Abri os vossos tesoiros, e oferecei-os por êle; e, se os bárbaros o consentirem, aqui estou eu que de boa vontade irei ocupar o seu lugar, como já quis com instância quando dêle se fez a entrega. E se não bastar todo êste preço para a ambição africana, dai-me, Senhor, vinte e quatro mil homens, que eu vos dou esta cabeça por fiadora se não vos fizer monarca pacífico de tôda a Africa; mas entregar Ceuta, isso nunca o poderá sofrer o meu amor pela Pátria!»

Fala-se agora em levantar em Sagres um monumento condigno que fale mais alto que o padrão humilde que a rainha D. Maria II ali mandou colocar em 1839.

Nesse padrão, encimado pelas armas do glorioso Infante, tendo à direita uma esfera armilar, e à esquerda um navio à vela, figura uma inscrição em latim com a sua versão em português. Diz assim:

Monumento consagrado à Eternidade: o grande infante D. Henrique, filho de el-rei de Portugal D. João I, tendo empreendido descobrir as regiões até então desconhecidas da África occidental, e abrir assim caminho para chegar por meio da circunnavegação africana até às partes mais remotas do Oriente, fundou nestes lugares, à sua custa, o palácio da sua habitação, a famosa escola de cosmografia, o observatório astronómico e as oficinas de construção naval, conservando, promovendo e aumentando tudo isto até o termo da sua vida com admirável esfôrço e constância e com grandíssima utilidade do Reino, das Letras, da Religião e de todo o género humano. Faleceu êste grande príncipe, depois de ter chegado com suas navegações até o 8.º grau de latitude setentrional e de ter descoberto e povoado de gente portuguesa muitas ilhas do Atlântico, aos XIII *dias de Novembro de 1460. D. Maria II, rainha de Portugal e dos Algarves, mandou levantar êste monumento à memória do ilustre príncipe seu consanguíneo, aos 379 anos depois do seu falecimento, sendo ministro dos Negócios da Marinha e Ultramar o Visconde de Sá da Bandeira. 1839.*

Erga-se agora um mais alto monumento que mais altamente comemore a figura gigantesca dêsse Solitário sublime que toda a sua vida se devotou ao engrandecimento da nossa Pátria.

Infante D. Henrique

O tragico acidente do piloto Günther Groenhoff

Á MANEIRA DAS AVES

O VÔO SEM MOTOR

DESPORTO EMOCIONANTE E ARRISCADO

Dominar o espaço por meio de poderosos motores é uma das grandes conquistas humanas. Mas voar apenas pela utilização inteligente das fôrças naturais é, sem dúvida, um triunfo maior ainda.

O vôo à vela é hoje um dos mais emocionantes desportos e, simultaneamente, uma arte subtil que exige excepcional intuïção. Quem a pratica carece de ter largamente desenvolvido um sexto sentido que lhe permita compreender instantaneamente as condições atmosféricas e tirar delas tôda a vantagem possível para efeitos do vôo.

Para se manterem no ar os aviões sem motor utilizam as correntes atmosféricas ascendentes. Estas correntes podem ter diversas origens: ou ser provocadas pelos acidentes do terreno ou por diferenças de temperatura.

Em 1926, Max Kegel descobriu por acaso que existe uma fôrça impulsiva mais poderosa ainda: a das correntes de ar verticais que uma tempestade levanta na sua sua frente ao vencer a resistência das camadas atmosféricas imóveis. Audaciosos pilotos deram-se a utilizar êsse princípio a despeito dos graves riscos que apresenta, pois as referidas correntes verticais são tão fortes que por vezes o aparelho se despedaça e o piloto é obrigado a procurar salvação no pára-quedas.

Conseguiram-se assim alguns dos mais admiráveis resultados em vôo à vela. O grande «ás» alemão Robert Kronfeld pôde, com o auxílio de tão poderoso motor, cobrir distâncias de 90 milhas e atingir a altitude de cêrca de dois mil e quatrocentos metros.

Kronfeld possui também no seu activo uma realização brilhante. Num aparelho do mesmo género, mas munido dum motor de cinco cavalos destinado a suprir as correntes atmosféricas onde estas faltam, atravessou o Canal da Mancha voando de Londres a Paris em quatro horas e cinco minutos. Nunca êste vôo se fez com tanta economia, pois a despesa de combustível e óleo não chegou a cinqüenta escudos!

No livro que dedica ao importante problema do vôo à vela, Kronfeld enumera as faculdades que o piloto do aparelho sem motor deve possuir. É preciso — diz êle — que aprenda a reconhecer o significado das correntes de ar pela sensação do vento que lhe bate no rosto. Deve chegar a conhecer a sua máquina a ponto de compreender a sua lingüagem particular porque há uma indicação em cada reflexo do aparelho. O conhecimento profundo de meteorológia e termodinâmica é-lhe também indispensável, do mesmo modo que uma exacta noção da topografia dos locais que sobrevoa.

Finalmente deve possuir apuradas faculdades de observação e utilizá-las ao màximo. A direcção duma simples coluna de fumo pode ser indicação preciosa Kronfeld conta que certa ocasião evitou uma aterragem desastrosa, seguindo a indicação que lhe era dada por um falcão. O seu aparelho perdia altura em frente de uma colina e a descida não se podia fazer na encosta em boas condições. Kronfeld notou então que a pouca distância um falcão se deixava impelir por uma corrente de ar vertical. Voou para o local e imediatamente ganhou 20 metros de altura, o que lhe permitiu ultrapassar a colina.

O vôo à vela é hoje largamente praticado em todo o Mundo e patrocinado por muitos Govêrnos, por isso que contribue para a formação de pilotos. Na Crimeia realiza-se anualmente um festival, no último dos quais tomaram parte cêrca de 100 aviões sem motor. Na alemanha disputa-se todos os anos a «Wasserkuppe». O princípio e o fim da competição é marcado por curiosas solenidades. Os novos aparelhos são baptizados com ar líquido e, no final, um avião é queimado à memória dos pilotos mortos durante o ano.

Um tão emocionante desporto oferece, como é natural grande número de perigos. Assim, há anos, durante a disputa da «Wasserkuppe» o o piloto alemão Günther Groenhoff morreu, em consequência duma aterragem desastrosa num bosque, após um temerário vôo.

Em Portugal, o vôo à vela está ainda muito atrasado. Há no entanto que assinalar meritórias iniciativas de que registaremos a do engenheiro Varela Cid, construtor dum hidro-avião sem motor que mereceu aos círculos especializados do estrangeiro as mais elogiosas referencias, caso a que a «Ilustração» se referiu oportunamente.

Em cima: *Aparelhos sem motor aproveitando a aproximação duma tempestade para realizarem os seus perigosos «records».* **A' esquerda:** *Preparativos para uma largada em plena montanha*

OS HOMENS-BOMBAS

O fantástico projecto de 200 aviadores italianos que se oferecem para chocar os seus aviões contra os navios duma esquadra inimiga

Um jornal parisiense lançou há tempo a notícia sensacionál de que 200 aviadores italianos tinham assumido o compromisso de, no caso de guerra, se arremessarem com os seus aviões carregados de explosivos contra as unidades da esquadra do seu eventual inimigo.

Não sabemos o que há do verdadeiro na notícia. Mas à primeira vista, êste espantoso projecto nada tem de impossível. O misticismo patriótico é, sem dúvida, capaz de impulsionar actos semelhantes e o suicídio colectivo de duzentos homens sacrificando-se pela sua pátria não seria facto sem precedentes. O mais inverosímil da história seria neste caso o anúncio antecipado da trágica determinação, quando nada existe ainda que a justifique.

Mas a questão deve ser considerada sob outro aspecto — o do seu valor militar e ofensivo. Os resultados duma agressão dêste género corresponderiam à grandeza do sacrifício?

À face dum raciocínio elementar as vantagens parecem evidentes. Um único avião poderia destruïr ou pôr fora do combate um grande barco de guerra e, nestas condições, o macabro projecto dos aviadores italianos seria susceptível de aniquilar uma poderosa esquadra. Mas um exame mais profundo do problema leva-nos à convicção de que isso não passa duma quimera heróica, cuja aplicação prática se tornaria difícil e de precários resultados.

Existem actualmente três métodos de ataque dum navio pela aviação. Os desenhos que acompanham estas linhas mostram em esquema as suas características. No primeiro caso o avião sobrevôa o barco inimigo a uma altura que lhe permita escapar ao fogo anti-aéreo dêste e lança as suas bombas, tendo em conta os necessários desvios, direcção do vento, marcha do navio. E' pouco arriscado, mas muito falível pois um barco em movimento no meio do mar oferece um alvo reduzido e as probabilidades de lhe acertar são poucas.

Outro método consiste para o avião em fazer uma descida em vôo picado, largando os seus projécteis quando se encontra a pequena altura sôbre o navio e afastando-se logo em seguida. As probabilidades de atingir o alvo são aqui maiores, mas a eficácia da defesa anti-aéria do navio aumenta proporcionalmente e o avião corre risco de ser abatido pelo fogo de barragem antes de ter podido largar as suas bombas.

Existe finalmente o método de ataque próprio dos aviões-torpedeiros que consiste em descer à cêrca de vinte metros de altura sôbre a superfície das águas num ráio de 1.500 metros de distância do barco alvejado, e largar na direcção dêste um torpedo. A surpresa parece ser aqui um elemento considerável mas o ataque é menos temível que o dum contra-torpedeiro que pode lançar quási simultaneamente seis daqueles engenhos de destruïção.

Convém notar que tudo o que diz respeito às condições tácticas dum combate entre a aviação e a marinha de guerra pertence ao domínio da teoria. A última guerra não proporcionou a êsse respeito experiências importantes e a prática pode demonstrar àmanhã o êrro de muitos princípios aceitos como bons.

Ora o propósito dos 200 aviadores italianos é inteiramente diverso dos métodos que atrás anunciámos. Consiste na queda voluntária dum avião sôbre a ponte dum navio e um exame atento da questão mostra-nos que nada há mais falível.

Na realidade, o aviador teria de proceder como no caso do bombardeamento em vôo picado, com a única diferença que, em vez de largar as suas bombas e ganhar altura, prosseguiria na descida e iria chocar com o navio. Ora isto é muito mais difícil do que à primeira vista parece.

Em primeiro lugar, como o técnico francês Didier Poulain muito bem observa, a referida manobra só pode ser efectuada por aviões ligeiros, manejáveis e muito rápidos. Ora os italianos não possuem aparelhos dêste género. As características apontadas são as do avião de caça. Em princípio, êstes aviões poderiam ser adaptados ao fim em vista. Mas aqui surgem as dificuldades. O raio de acção dum aparelho de caça é muito reduzido. Com os motores em pleno rendimento não pode voar mais de uma hora. Funcionando em regime normal mantem-se naturalmente no ar muito mais tempo. Mas em qualquer dos casos não lhe é possível tomar parte numa batalha naval que se desenvolva a 300 quilómetros do litoral. Restam, portanto, os aviões embarcados a bordo dos navios de guerra como únicos que poderiam ser empregados com êxito na operação. Mas a esquadra italiana não dispôi de mais de 40 dêsses aparelhos, ao passo que a inglesa possue perto de 200. Sem contar que a maior parte dêsses aviões embarcados não possue a ligeireza e rapidez necessários ao fim em vista.

Temos depois os meios de defesa do navio. O armamento anti-aéreo das unidades modernas é poderosíssimo. Compôi-se de artilharia especial e numerosas metralhadoras pesadas. Antes de atingir o seu alvo, o avião teria, portanto, de atravessar uma cortina de balas, suficiente em muitos casos para lhe interromper a trajectória e o precipitar no mar.

Outro meio de defesa: as cortinas de fumo. Neste caso, o atacante só poderia avançar às cegas, com risco de errar o alvo e de se perder.

Admitamos, porém, que alguns aviões vencem êstes meios de defesa e atingem o seu objectivo. Que sucederá?

O poder da penetração duma bomba varia na razão da sua massa e da velocidade. Ora os aparelhos de que os italianos poderiam dispôr, conforme vimos, não ultrapassam em vôo picado uma velocidade de 100 metros por segundo, muito inferior portanto à duma bomba lançada livremente. A violência ficaria dêste modo muito atenuada. Por outro lado, a necessidade de empregar na manobra aviões ligeiros não permitiria transportar grandes quantidades de explosivos.

Ora a capacidade de resistência dos navios de linha é considerável e nos Dardanelos um barco inglês recebeu dezasseis toneladas de explosivos sem ir a pique.

Quais seriam, portanto, as conseqüências do choque do avião com um grande couraçado? É evidente que êste sofreria grandes estragos. Mas as blindagens da coberta protegeriam as partes vitais do navio e é muito possível que êste não ficasse destruído nem mesmo definitivamente fora do combate.

Pelo exposto se vê que a operação cujo propósito se atribue aos 200 aviadores italianos, sendo teòricamente possível, apresenta na prática dificuldades de tal ordem que a classificam como fantasia.

A forma elementar de ataque dum avião a um navio de guerra, vendo-se indicada a «traînée» do projectil na queda

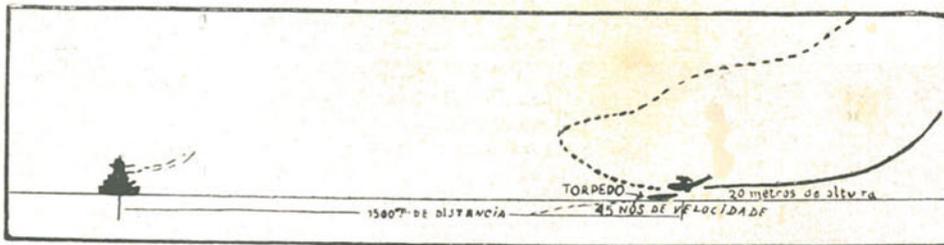
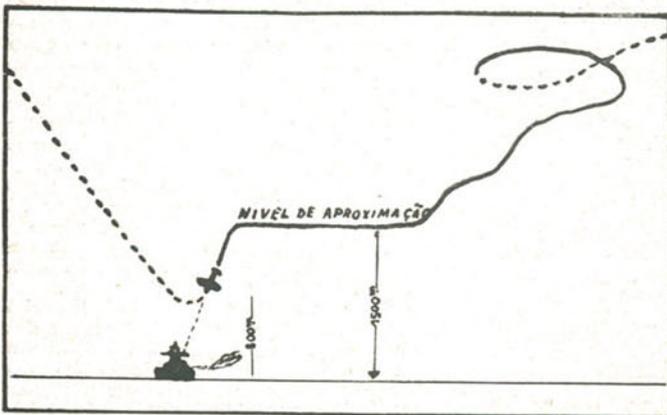



Diagrama do ataque a um couraçado por um avião torpedeiro, feito a uma distancia de 1500 metros

Bombardeamento em vôo picado, que permite ao aparelho atacante largar as suas bombas a pequena altura sôbre o alvo

"TEMPOS MODERNOS„ O NOVO FILME DE CHARLOT

CHARLOT terminou um novo filme, facto que marca sempre como acontecimento do primeiro plano na actividade cinematográfica mundial.

É sabido que cada filme do célebre cómico obedece a um elevado pensamento filosófico, tendência que vem acentuando-se de obra para obra. A nova produção, que se intitula "Tempos Modernos„, não foge a esta regra. A acção decorre, na sua maior parte, numa grande fábrica e constitue uma sátira a certas tendências da civilização moderna, sobretudo à preponderância sempre crescente do maquinismo na vida humana.

"Tempos Modernos„ revelar-nos-á uma nova "estrêla„, Paulette Goddard. E será uma revelação sensacional a fazer fé nos críticos das grandes capitais onde o filme já foi apresentado, e mais ainda no incontestado sentido do Charlot, um dos maiores descobridores de "vedetas„ do cinema. Paulette Goddard começou a sua carreira como corista das Zigfeld Follies. Casou-se e abandonou a vida artística, mas dois anos depois divorciou-se e reapareceu em Hollywood. Desempenhou papeis modestos até que Charlot a encontrou e escolheu para *leading lady* do filme que preparava. Passou assim sem transição da maior obscuridade à máxima celebridade.

A Imprensa têm feito correr a notícia de que Paulette Goddard é para Charlot mais do que uma simples colaboradora, pois pretende-se que casaram secretamente. O rumor teve os naturais desmentidos, mas seria imprudente considerá-lo, só por isso, como inteiramente falso.

"Tempos Modernos„ causou ainda recentemente sensação pelo facto de ter sido interdito na Alemanha.

Charlot num refeitorio de operarios. No medalhão: *Uma expressão dramatica da heroina do filme*

Uma graciosa atitude de Paulette Goddard. Em baixo: *Duas cenas de «Tempos Modernos»*

UMA FIGURA SINGULAR

O FALECIDO PRESIDENTE GOMEZ DA VENEZUELA

O general Juan Vicente Gomez, chefe de Estado da Venezuela, a cuja morte recente a *Ilustração* se referiu, foi uma das individualidades mais curiosas e paradoxais do nosso tempo. Os jornais referiram alguns aspectos singulares da sua extraordinária vida de político e de homem e, após o seu desaparecimento apareceram publicadas na Imprensa estrangeira impressões e memórias de alguns raros europeus que com êle conviveram.

A sua aparição no tablado político é igual á de tantos outros caudilhos sul-americanos. Um dia Gomez desceu dos Andes com um grupo de compatriotas seus que se queixavam de ser expoliados. Proclamou-se general e teve artes de engrossar as suas fileiras a ponto de constituir uma fôrça respeitável.

O Presidente Castro, que nesse tempo dirigia os destinos da Venezuela, tratou com êle de potência para potência. E estabelecido o acôrdo, Gomez entrou à testa dos homens em Caracas, onde começou a gozar de grande influência política.

Sentindo-se muito doente, Castro resolveu vir fazer uma cura á Europa. Gomez conquistara a sua confiança e foi êle portanto que o Presidente escolheu para lhe entregar as rédeas do Poder durante a sua ausência. Logo no primeiro porto da escala, o infeliz Presidente soube que fôra destituido, exilado por toda a vida e privado de todos os seus bens. Castro veio mais tarde a morrer miseravelmente em Porto-de-Espanha.

Entretanto, Gomez tratava de se adaptar ás funções que desta forma assumira. Começou por se proclamar «Benemerito» da nação. Como não sabia ao certo a sua idade — porque a instituição do registo civil era desconhecida na rude aldeia onde nascera — atribuiu-se a mesma data do nascimento que o heroi nacional Simon Bolivar, o que, poupando um feriado, tinha tambem a vantagem de aumentar o seu prestígio aos olhos do povo. E' curioso notar que o destino parece ter querido ser-lhe agradável, porque o fez morrer no dia do aniversário da morte de Bolivar.

Dentro de pouco tempo, Gomez era o homem mais rico de Venezuela. Não fazia a distinção entre o seu orçamento e o do Estado. Ora em 1922 um facto imprevisto ia canalizar para o país um formidável caudal de ouro. Foi o caso que, após muitos anos de sondagens infrutíferas em torno da lagoa de Maracaibo, o petróleo rebentou certo dia com espantosa violência. Durante nove dias e nove noites o precioso carburante jorrou do solo em quantidades prodigiosas, destruindo aldeias, afogando pessoas e gados. Foi preciso construir barragens. Mas a partir desse momento a Venezuela ocupava o segundo logar mundial na produção de petróleo. Estava rica e o general Gomez também. Daqui resultava êste facto admirável e talvez unico no Mundo: a população não pagava impostos. As concessões petrolíferas supriam todas as despesas do orçamento.

Gomez não sabia ler nem escrever. Atribuia-se prerogativas absolutas, — medievais por assim dizer. Fazia respeitar rigorosamente o seu direito de prioridade na estrada. Diz-se que qualquer cavaleiro que se atrevia a ultrapassar o seu automóvel corria o risco de ser atingido por uma bala.

Ficou sempre solteiro, o que não o impediu de deixar numerosa descendência. Atribuem-se lhe mais de cem filhos, mas êle só reconhecia setenta e cinco que perfilhou e dotou com magnificência, como bom pai de família. Não é de admirar, sabendo-se isto, que a legislação venezuelana sôbre filiação natural seja a mais avançada do Mundo.

Tinha várias predilecções, mas a mais evidente era pelos rinocerontes que se entretinha a contemplar longamente.

Caprichoso e autoritário, era sujeito às mais perigosas fantasias. Certa vez, como antipatizasse com o ministro da França, mandou que largassem um touro no momento em que o representante daquêle país atravessava o pátio do seu palácio para assistir a uma audiência. Deve dizer-se que as imunidades diplomáticas correram grave risco, e que o ministro ficou devendo à sua agilidade o não ter ali acabado tràgicamente a sua carreira.

Tinha ideias primitivas sôbre todos os assuntos, e, em especial, os que se referiam ao Govêrno do país. Procurava suprir as deficiências da sua cultura por uma ciência fisionómica. Assim, enquanto os secretários lhe liam os jornais seguia atentamente as reacções que deixavam transparecer no rosto, para adivinhar se lhe ocultavam qualquer cousa.

Possuia um apetite cinematográfico inextinguível. Todos dias assistia no seu palácio à projecção dum novo filme. Quere isto dizer que as suas exigências se cifravam em 365 filmes por ano, o que obrigava os seus secretários a encomendar tôda a produção da Europa e da América.

Entre as numerosas histórias que se contam sôbre o singular estadista de Venezuela, figura a seguinte:

Um irmão que continuava exercendo o ofício de pastor nas ásperas montanhas do Andes, sabendo-o tão rico e tão altamente colocado resolveu ir à cidade pedir-lhe um emprêgo. Meteu-se a caminho e após fadigosa viagem chegou a Caracas.

O Presidente recebeu-o carinhosamente e preguntou-lhe ao que ia. O pastor explicou em breves e rudes palavras a sua pretensão. Gomez escutou-o e depois dum silêncio disse-lhe:

— Mas que diabo de lugar te hei-de dar, se tu nem sequer sabes ler?

O irmão não se perturbou e respondeu decidido:

— Já descobri o lugar que me convem.

— Então que é?

E o pastor explicou então que numa praça da cidade ouvira momentos antes uma banda de música tocar um concerto. A' frente dos executantes, de pé, estava um homem com galões que fazia sinais com um pauzinho.

— Aquilo tambem eu sei fazer — declarou o pretendente — E é um lugar dêsses que me convem.

O presidente achou-lhe graça. E, ou para lhe ser agradável ou para demonstrar a sua autoridade e o desprêzo que manifestava pelas críticas dos adversários, nomeou o irmão regente duma das bandas municipais.

■

Doutra ocasião, como o acusassem de fazer guerra à cultura, deu ordem a um dos seus secretários para fazer um trabalho de investigação científica que assombrasse o Mundo. O homem pôs-se ao trabalho com afinco e passado tempo publicava uma volumosa obra em que pretendia demonstrar que a Venezuela fôra o berço da Humanidade. Gomez solenizou a sensacional «descoberta» mandando erigir um enorme monumento comemorativo de tão singular facto. Mas, por motivos obvios, o mundo científico obstinou-se em não dar critério à estupenda revelação.

Como é de supor, o tratamento que aplicava aos seus inimigos políticos não primava pela suavidade. A sua morte foi por isso seguida duma violenta agitação popular, que durante alguns dias perturbou a paz habitual do pequeno país sul-americano.

■

De acôrdo com o artigo 97 da constituição que, teoricamente, regia os destinos da política venezuelana, após a morte de Gomez, o Govêrno de Caracas designou o ministro da Defeza Nacional para cargo de Chefe de Estado interino. O novo presidente, que é o general Lopez Contreras, publicou um manifesto dirigido ao país no qual declarou a sua intenção de manter a paz e a ordem. Afirmou que o Exército velaria pela integridade da pátria na defesa do seu território e dos sacrifícios feitos pelos antepassados em prol da independência.

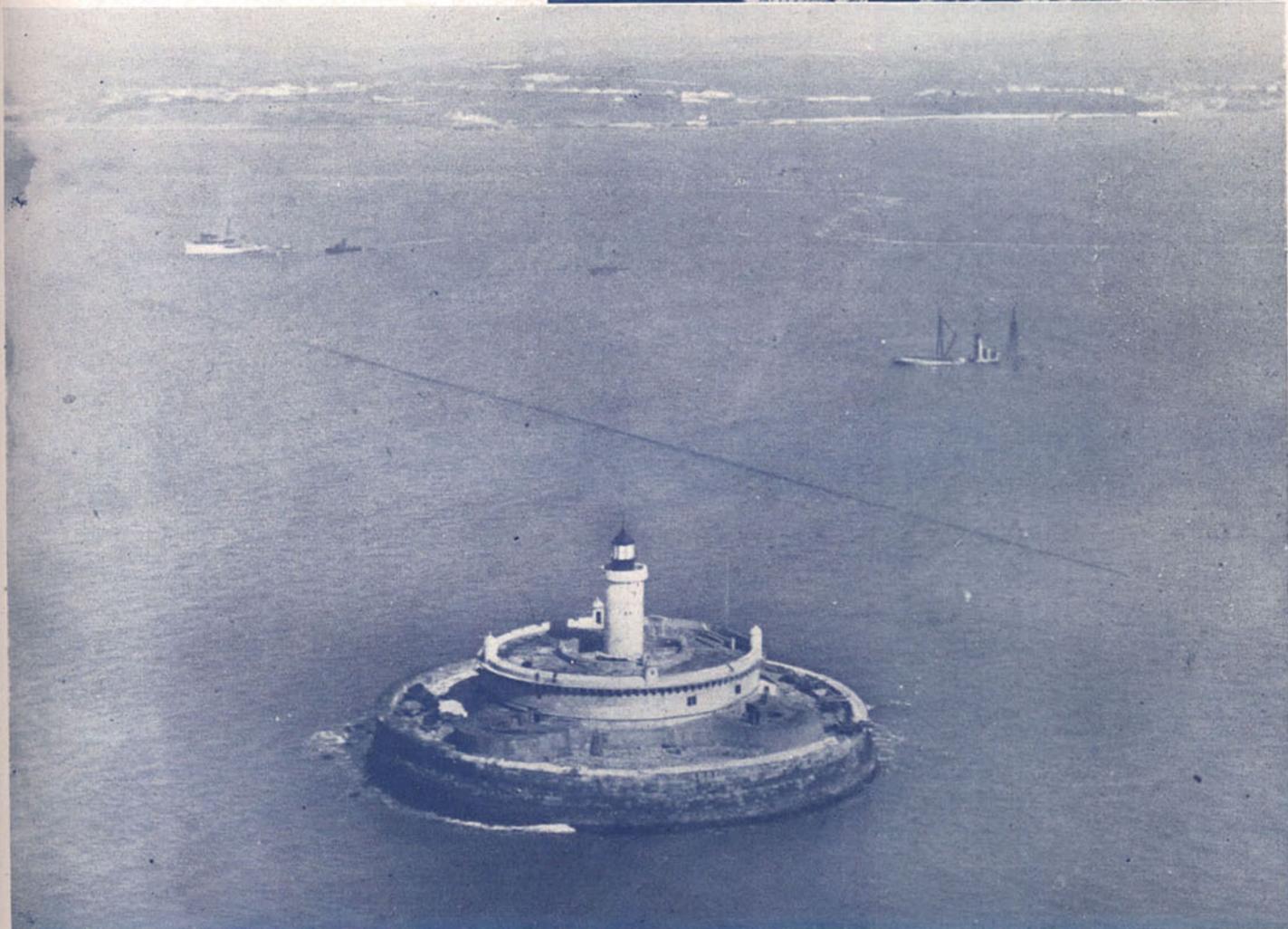
Posteriormente o general Contreras publicou outro manifesto em que anuncia um vasto plano de reformas, destinado a dar satisfação às reivindicações que a política férrea do general Gomez combatera sempre sistematicamente. Esse programa, que é vasto e compreende importantes medidas económicas, constituirá, caso venha a efectuar-se, uma bela afirmação de vitalidade e progresso da pequena república sul- americana.

O NAUFRÁGIO DO NAVIO DE SALVAÇÃO "PATRÃO LOPES,,

O velho navio de salvação «Patrão Lopes», que tantos e tão relevantes serviços tem prestado, encalhou no dia 2 dêste mês a oeste da tôrre do Bugio quando regressava do Atlântico onde fôra recolher um batelão que o vapor «Record» rebocava e que a violência do temporal obrigara a abandonar à deriva.

Pelas 20 horas o «Patrão Lopes» demandava a barra, cumprido já o seu encargo e trazendo a reboque o batelão abandonado. Comandava-o o capitão-tenente Monteiro de Barros, marinheiro experimentado para quem a barra de Lisboa não tem segredos e a quem as dificuldades do temporal, que nesse dia era violento, não constituíam obstáculo de maior. Ao passar no sítio conhecido por «entre-tôrres» um violento estoque de água impeliu o navio que encalhou na areia. O batelão, carregado de pedra, naufragou quási imediatamente e a sua posição a estibordo do barco complicava a situação. Um rádio expedido de bordo comunicou o desastre ao Ministério da Marinha. Prepararam-se logo socorros urgentes.

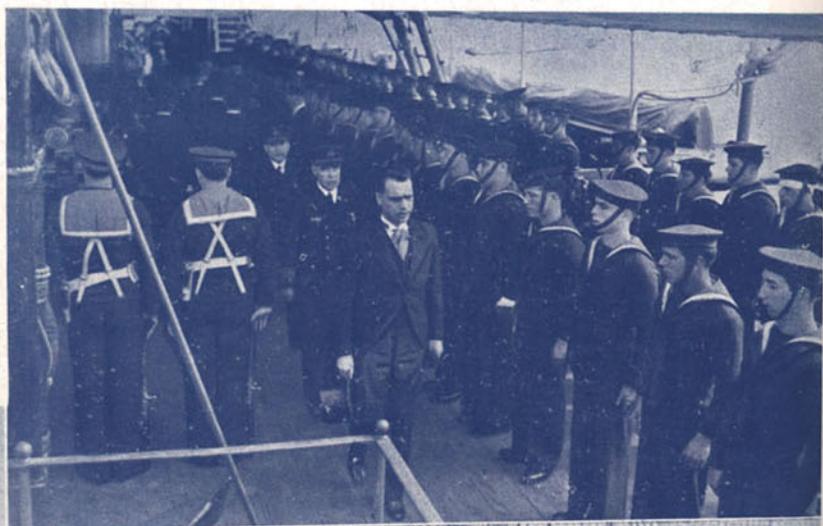
As diligências para safar o navio resultaram infrutíferas. Mas a esperança não estava inteiramente abandonada. O casco forte do «Patrão Lopes» resistia com exito ao ataque das vagas enfurecidas. E por isso logo que foi possível começaram os trabalhos de salvamento que ainda não se encontram concluídos, havendo contudo boas esperanças de evitar a perda do navio.

Em cima: *Dois aspectos dos trabalhos de salvamento.* Em baixo: *Fotografia do local do desastre obtida pelo tenente-aviador Humberto Pais num aparelho tripulado pelo capitão-aviador Felipe Vieira*

VISITA DO MINISTRO DA MARINHA AO NAVIO-CHEFE DA ESQUADRA

O ministro da Marinha, sr. comandante Ortins de Bettencourt visitou no dia 7 dêste mês a fragata «D. Fernando» navio-chefe das fôrças navais surtas no Tejo, a bordo da qual está também instalada a Escola de Artilharia Naval.

O ministro foi recebido ao portaló da velha fragata pelo comandante superior das fôrças navais, sr. capitão de mar e guerra Baptista de Barros. Na coberta encontravam-se formados os oficiais do navio e os comandantes das unidades navais surtas no Tejo.

Depois duma rápida revista ao navio, o sr. ministro da Marinha desceu à câmara, onde proferiu um notável discurso pondo em relêvo o significado da sua visita. Respondeu-lhe o sr. capitão de mar e guerra Baptista de Barros, que assegurou ao ministro a leal cooperação da Armada.

O comandante sr. Ortins de Bettencourt voltou depois a falar para anunciar a transferência dos serviços da Escola para terra na primeira oportunidade.

Foi em seguida servido um «Porto de Honra» durante o qual se trocaram afectuosos brindes.

As nossas gravuras representam: ao alto, a revista à guarnição do navio; à esquerda, o sr. ministro da Marinha no momento de entrar o portaló da fragata «D. Fernando»; e à direita, a oficialidade da Marinha de Guerra alinhada na tolda do navio-chefe à chegada do comandante sr. Ortins de Bettencourt.

Os tradicionais bailes da Pinhata

Os bailes da Pinhata, tradicional revivescência do Carnaval a uma semana de distância, tiveram êste ano grande animação. Nos recintos onde se realizaram o público acudiu em grande número, ansioso por renovar agradáveis emoções dos bailes do Carnaval.

As nossas gravuras representam: à esquerda, em cima, o baile no Instituto Superior de Agronomia; em baixo, assistência à festa na Casa das Beiras; e à direita, no Grémio Lírico.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Um aparatoso acidente de viação

NA tarde do dia 6 do corrente um carro electrico que subia a R. do Alecrim em experiência, perdeu os travões e recuando foi embater com um camião carregado de mobília que atrás dêle seguia. Éste facto pode considerar-se providencial pois de outro modo o «electrico» correria risco de galgar até à praça Duque da Terceira, como já em tempo sucedeu a outro carro.

O choque dos dois veículos produziu importantes avarias na plataforma do «electrico» que ficou com quási todos os vidros estilhaçados, mas não causou felizmente graves desastres pessoais, pois só duas pessoas que seguiam no camião sofreram ligeiros ferimentos. Os engenheiros da Carris e das Indústrias Electricas e o guarda freio ficaram ilesos. Os dois veículos seguiram depois caminho por seus próprios meios.

O acidente causou sensação, provocando, como é natural, grande ajuntamento e animados comentários. A posição do «electrico» e do camião após o embate pode observar-se na gravura acima reproduzida.

«DONA SEM DONO» — mais um livro do formidável romancista do «Sexo forte», o dr. Samuel Maia que pode orgulhar-se de ser um dos nossos raros escritores que produz muito e bem. Só nos temos a felicitar por isso! Neste novo romance do dr. Samuel Maia é retratada magistralmente uma figura deliciosa de mulher — a leviana Mariluca que, emplintada numa educação de energias, julga fazer-se amar sem se deixar ferir pelas hervadas flechas do travêsso Eros. E assim vai triunfando como uma «dona sem dono» até que a carne sucumbe...

Linda tese! magnífico romance! empolgante trabalho dum escritor primoroso e dum psicólogo subtilíssimo!

O «Prémio Ricardo Malheiros-1935»

NA Academia das Ciências de Lisboa realizou-se a cerimónia da entrega do «Prémio Ricardo Malheiros-1935», atribuido ao livro «Miradouro», do ilustre escritor dr. Antero de Figueiredo.

Compareceu, numa suprema homenagem ao escritor premiado, o glorioso escritor Carlos Malheiro Dias, que tão cruelmente tem sido torturado pelas enfermidades físicas. Grande sacrifício deveria ser para o seu corpo sequinho e mirrado pelos padecimentos, mas em compensação — se ainda podem existir compensações neste Mundo — teve a satisfação de sentir o caloroso carinho de que o rodearam os admiradores ali presentes. O grande romancista da «Paixão da Maria do Ceu» tem ainda a vida cintilante que se reflecte nos «Pensadores brasileiros» que publicou ha dias.

Aberta a sessão pelo eminente académico dr. Júlio Dantas, que pronunciou um belo discurso, o dr. Antero de Figueiredo agradeceu em sentidas palavras a distinção que lhe fôra conferida. Um prémio dado pela douta Academia é sempre mais honroso que quaisquer outros prémios que, de vez em quando, surgem a compensar o esfôrço de quem escreve neste país. O ilustre escritor premiado obteve assim mais uma consagração a enaltecer-lhe o já levantado renôme que disfruta nas letras pátrias.

Esta homenagem ficará memoravel, já pelo seu cunho de sinceridade, já pela aglomeração de espíritos cintilantes a iluminar essa linda sala da Academia das Ciências de Lisboa que tão gloriosas tradições ostenta.

A gravura da direita mostra a mesa que presidiu à cerimónia constituida pelos srs. dr. Júlio Dantas, general Aquiles Machado, Joaquim Leitão e dr. Antero de Figueiredo, vendo-se ao lado a figura de Carlos Malheiro Dias.

Homenagem do Grupo dos Novos de Portugal à memória do Infante D. Henrique

À memória do Infante de Sagres realizou-se no dia 4 do corrente uma brilhante sessão solene na sala Portugal da Sociedade de Geografia, promovida pelo Grupo dos Novos de Portugal. Presidiu o sr. conde de Penha Garcia, tendo à sua direita os srs. ministro da Marinha e coronel Lopes Galvão e à esquerda os srs. Cristiano de Sousa e comandante Alvaro Machado. O chefe do Estado fez-se representar pelo general sr. Amilcar Mota.

Num palco improvisado exibiram-se escoteiros que apresentaram canções e recitativos patrióticos. Usou depois da palavra o capitão sr. Gomes dos Santos que disse do sentido da homenagem que se prestava ao animador dos Descobrimentos e dos objectivos dos Novos de Portugal. O sr. dr. Joaquim Manso, director do nosso colega «Diário de Lisboa», realizou depois uma notável conferência sôbre o Infante D. Henrique, falando do monumento.

DETERMINISMO HISTÓRICO

A nova violação dos Tratados

praticada pelo Reich com a reocupação militar da Renânia, coloca a Europa perante a ameaça duma guerra

Hermann Göring

No momento de escrevermos estas linhas a Europa está perante o facto consumado da remilitarização da Renânia cujas conseqüências não se podem por enquanto prever.

A decisão de Hitler em violar as clausulas dos Tratados relativas ao regime de desarmamento da sua fronteira com a França e a Belgica causou em todo o Mundo a mais justificada emoção, sem constituir no entanto uma surpresa.

Há muito que o que acaba de dar-se era previsto e temido. Sobretudo em França, onde após o restabelecimento do serviço militar obrigatório na Alemanha, a Imprensa não cessava de denunciar inquietantes preparativos na zona desmilitarizada.

Como se sabe, a situação dessa região fora determinada nos artigos 42 e 43 do Tratado de Versalhes, mais tarde ratificados pelo artigo 1.º do Pacto de Locarno. São as seguintes as disposições do Pacto de Versalhes:

«Art. 42.º — Fica terminantemente proïbido à Alemanha manter ou construir fortificações tanto na margem esquerda do Reno, como na margem direita, a oeste duma linha traçada a cinqüenta quilómetros a leste do referido rio.

«Art. 43.º — Dentro da area que se determina no artigo anterior fica igualmente proïbido a manutenção ou concentração de força armada, quer temporária ou permanentemente, assim como todas as manobras militares e efectivação de trabalhos permanentes para fins de mobilização».

São estas as disposições que o Reich acaba de violar deliberadamente, enviando tropas para a zona desmilitarizada, ao mesmo tempo que, na tribuna do Reichstag, Hitler anunciava o repúdio do Pacto de Locarno. A ocupação, que a princípio se disse ter apenas caracter simbólico, abrangeu na realidade efectivos que o Estado Maior francês avalia com 60.000 homens. O principal argumento invocado por Hitler no seu sensacional discurso para justificar a decisão tomada, foi o pacto franco-sovietico, poucos dias antes ratificado pelo Parlamento francês. Em sua opinião êste pacto era dirigido contra a Alemanha e contrário ao espírito dos tratados existentes, devendo por conseqüência desobrigar o Reich dos compromissos tomados. Argumento frágil, na verdade, e que não tardou em encontrar a resposta devida:

Se a Alemanha considerava o pacto incompatível com o princípio de segurança colectiva, porque não recorrera para o Tribunal de Haia, invocando as suas razões?

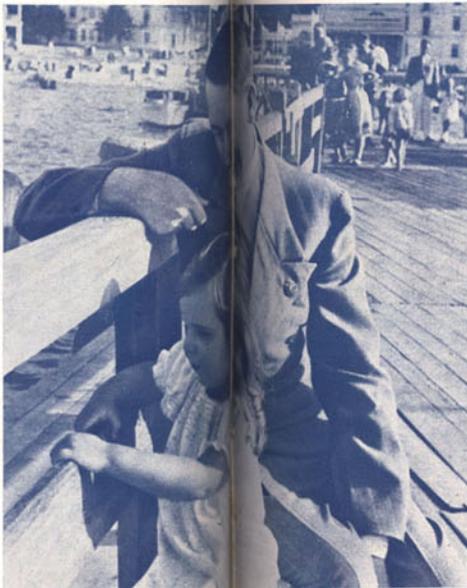
Outros motivos impeliram o «Reichsführer» a esta decisão. E entre êles avulta a necessidade de dar uma satisfação ao seu povo, repudiando a última clausula vigente dum tratado que êle considera afrontoso.

Tudo leva a crer, na realidade, que as razões da politica interna tiveram nêste caso um papel preponderante. E ao contrário do que se poderia supor, informações fidedignas dizem que o Exército não só não influiu nesta atitude de Hitler, como até se lhe mostrou contrário por a julgar imprudente.

Em matéria de política exterior, o facto é facilmente explicável. A França ligada por tratados à «Pequena Entente», à Polónia e à Rússia estabelecia em torno da Alemanha um perigoso anel de ferro, agravado pela circunstância da fronteira do oeste se encontrar aberta à invasão.

Qualquer agressão alemã seria deste modo esmagada com um esforço limitado por uma acção colectiva das potencias referidas.

Remilitarizando o Reno, pelo contrário, o Exército alemão poderá deter facilmente uma invasão francesa e ficar com a necessária liberdade de movimentos a leste, onde a sua superioridade é cada vez mais evidente.

Esta circunstância justifica os alarmes da França, muito embora as suas fronteiras se possam considerar suficientemente protegidas. As formidaveis linhas de defesa, em que se gastaram nove biliões de francos, parecem na verdade bastar durante os anos mais chegados para imobilizar qualquer agressão que partisse o Reno.

Hitler, num momento de intimidade, brincando com a filha do seu ministro da Propaganda, Göbells.

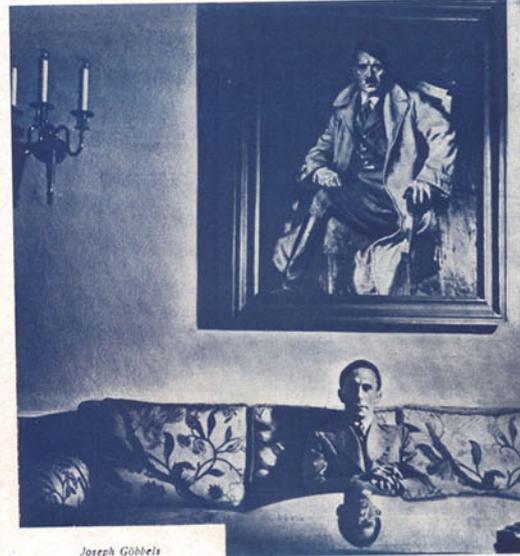
Em baixo: *os carros de assalto que a Alemanha está infringindo as cláusulas do tratado de Versalhes*

Perante a situação assim criada, a França e a Belgica recorreram para a Sociedade das Nações, anunciando a sua intenção de exigir o cumprimento total das obrigações prescritas nos tratados. Esta decisão encontrou, como não podia deixar de ser o apoio decidido de outras potências, entre elas as que constituem a Pequena Entente.

Simultaneamente com a declaração de repúdio do tratado de Locarno, Hitler propôs novas negociações e o estabelecimento de diversos pactos de não-agressão. A Checo-Eslováquia e a Austria não foram abrangidos nessas propostas, o que pareceu revelar os objectivos secretos da política alemã. Dias depois, talvez com o fim de dissipar as inquietações da Inglaterra, Hitler declarava numa intrevista concedida ao jornalista britânico Ward Price, que não via inconveniente em estender a êsses dois países o seu oferecimento.

As propostas de Hitler encontram contudo um grave obstáculo. A repetida violação dos tratados por parte da Alemanha cria, de facto, perspectivas pouco animadoras aos países que estivessem tentados a chegar com ela a acôrdo. Por isso a França afirmou a sua decisão firme de só negociar se fôr restabelecido o «statu quo ante» na Renânia.

O govêrno inglês, cuja dedicação ao Pacto de Genebra é nêste caso sensivelmente mais moderada que no conflito itálo-etiope, procura exercer um papel de mediador. As probabilidades de Hitler reconsiderar e tornar a desguarnecer a Renânia são nulas. Assim é natural que a Inglaterra tente encontrar uma fórmula que consistirá provavelmente numa redução de efectivos e no compromisso de não construir fortificações na região. Mas até quando respeitará a Alemanha estas novas clausulas?

Após uma reunião dos signatários do Tratado de Locarno em Paris, as negociações fôram transferidas para Londres.

Aí deve tambem reunir, por sugestão inglesa, o Conselho da S. D. N. que será convidado a pronunciar-se sôbre o caso no dia 14 do corrente. Espera-se que a Alemanha se faça representar.

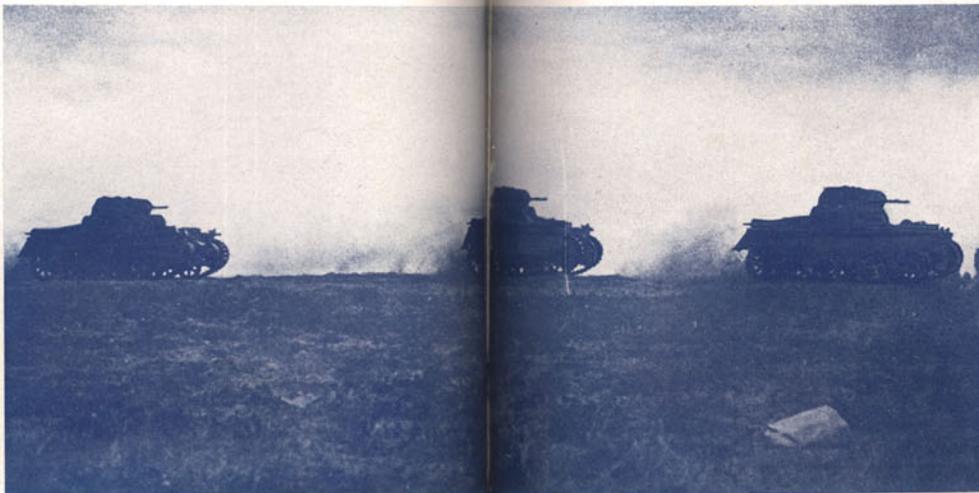
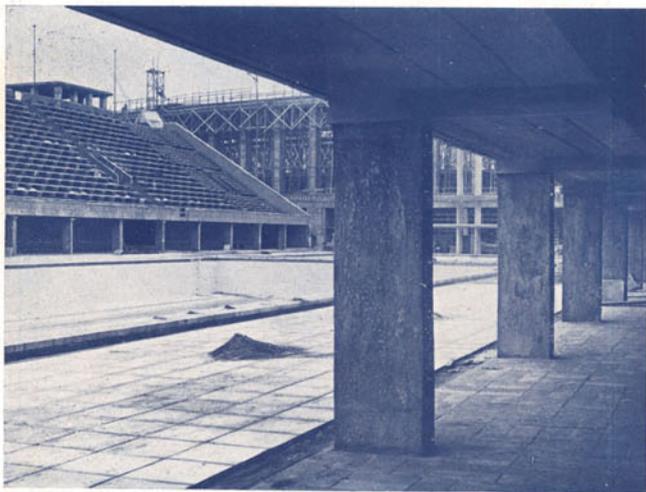
Joseph Göbbels

Quando a «Ilustração» estiver entre as mãos do leitor, o resultado desta sessão do Conselho deve ser já conhecido. Torna-se difícil por agora prevê-lo. A situação especial da Itália perante a S. D. N. torna a atitude dêste país enigmatica. A Inglaterra procurará levar a França a concessões, mas sem arriscar o seu prestígio de defensora intransigente dos princípios genebrinos. Se essas concessões fôrem excessivas, a reacção dos outros países interessados pode pôr em risco a própria existencia da S. D. N.

Quanto à Alemanha, continua a armar-se numa progressão alarmante, e é êsse o problema mais angustioso da Europa. Por um fatalismo histórico e para procurar solução para a crise do desemprêgo, o Reich desenvolve um esfôrço formidável na corrida aos armamentos. Ora um instrumento de agressão dêste poder não se pode forjar para permanecer indefinidamente sem uso. E a consciência dêste facto justifica as maiores inquietações.

Resta dizer que Hitler escolheu bem a oportunidade para a sua sensacional atitude. A situação em Genebra foi-lhe excepcionalmente propícia. E a própria escolha dum sábado para o anúncio da sua decisão obedeceu ao cálculo de aproveitar o «week end» inglês que retardaria por algumas a reacção do govêrno britânico.

Só num ponto, Hitler foi inoportuno. É que tomando a sua atitude antes das eleições francesas, veio favorecer as Direitas, cujo triunfo nas urnas se traduzirá por um reforço dos elementos defensivos da França.

A QUINZENA DESPORTIVA

Aspecto da piscina onde serão disputadas as provas olímpicas

Concluidos com extraordinário êxito os jogos de Inverno de Garmisch, voltam as atenções de todo o mundo a fixar-se nos Jogos de Berlim, espicaçada a curiosidade geral pela perspectiva duma organização modelar, de que os alemães deram já uma significativa amostra.

As notícias que os jornais alemães vão trazendo até nós, elucidam quanto ao escrúpulo com que são estudados e preparados os mínimos pormenores.

Segundo os calculos do Comité Organizador, o número de visitantes nacionais e estrangeiros será em Berlim, durante a quinzena de 1 a 16 de Agosto próximo que corresponde à duração dos jogos, de cem a cento e cincoenta mil.

Esta afluência formidável obriga os organizadores a tomar meticulosas precauções, por fórma a garantir a toda a gente alojamento e alimentação. A lotação máxima de todos os hoteis existentes em Berlim atinge trinta mil pessoas; elevando-se a quinze mil o número médio de forasteiros que diariamente passam, em virtude de afazeres profissionais, pela capital do Reich, ficam apenas outros quinze mil lugares disponíveis para os casos extraordinários. Destes, dois mil ficam reservados para os delegados oficiais aos jogos, o que reduz a 13.000 os lugares disponíveis para os tais 100.000 forasteiros.

Para suprir esta grave deficiência, foi criada em Berlim uma repartição especial que tomou a seu cargo a busca de alojamentos em casas particulares dos bairros ocidentais da cidade, por ser êsse o ponto donde é mais rápido e fácil o transporte para o Estádio e outros locais de concursos.

Para instalação dos hóspedes estrangeiros, os quartos serão escolhidos de maneira a constituirem blocos, aos quais foi dado o nome de "colónias olímpicas", e possuindo cada um sua administração própria com serviço anexo de intérpretes para os idiomas dominantes na colónia.

Para avaliar o trabalho gigantesco a que obrigou esta organização, basta saber que foi necessário visitar 48.896 prédios e inquirir junto de 463.839 inquilinos sôbre a possibilidade de ceder alojamentos durante o período dos jogos.

As instalações próprias para as diversas competições desportivas, todas construídas propositadamente, estão quasi concluídas.

O "Reichsportfeld", designação oficial do grandioso estádio de 100.000 lugares, pode considerar-se edificado, tendo sido retirados já os andaimes e faltando apenas as obras de decoração.

O magestoso edifício mede 305 metros de comprimento e 230 metros de largura, apresentando a fórma dum oval.

A altura exterior é de 17 metros acima do solo, mas o terreno de jogos fica escavado 12m,50, de maneira que a profundidade interna é de 28m,50. A pista que circunda o campo mede 194 metros no eixo maior por 120 metros no menor.

Apesar de tão grandes dimensões, o estádio apresenta um aspecto de conforto que resulta do traçado especial das construções.

O espectador mais próximo da linha de chegada encontra-se a 17 metros e o mais distante a 210 metros. As bancadas estão divididas horizontalmente em duas partes por uma galeria coberta que circunda o edifício. Acima desta galeria encontram-se 30 bancadas e 40 do lado de baixo. A visibilidade é completa de todos os logares das tribunas.

■

Embora o assunto esteja além do período que nos compete comentar, parece-nos oportuna a apreciação de certos aspectos do encontro entre a nossa seleção de football e os jogadores alemães.

Dissemos, nas breves referências da crónica anterior, que o encontro resultava em amarga desilusão para o público, cujo entusiasmo a crítica prévia encaminhara para a esperança duma conclusão favoravel às côres portuguêsas.

Batido por três bolas a uma, o grupo nacional não correspondeu às esperanças nêle depositadas; mas a derrota é honrosa e não impressionaria muito desagradavelmente as pessôas criteriosas se não fôra a fórma como, em campo, se manifestou a inferioridade flagrante, tanto técnica como táctica, dos nossos jogadores.

Quem observasse cuidadosamente todos os pormenores teria notado, dêsde o momento da entrada dos grupos contendores no terreno de jogo, a diferença profunda que os separava.

Do lado dos alemães, o aprumo, a disciplina, a linha atlética contrastavam com o aspécto geral dos portuguêses.

Durante a execução dos hinos nacionais, o jogadores visitantes, impecavelmente alinhados numa fileira, tomaram a posição de sentido correcta dêsde as pontas dos pés à atitude da cabeça, e os braços estendidos à frente na saudação "nazi", formavam um plano de absoluta regularidade.

A seu lado, — as fotografias publicadas em diversos jornais e revistas mostram-no claramente — os onze portuguêses constituiram uma linha ondulada, sem ordem nem método, cada um adoptando a posição mais discordante, pernas afastadas, mãos atrás das costas, corpos em desequilibrio.

São êstes pequenos pormenores que melhor servem para definir caracteristicas fundamentais.

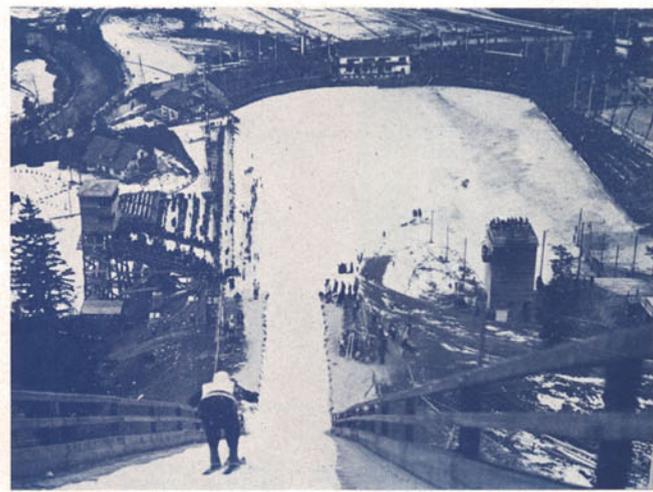
■

A segunda prova da Pequena Maratona, disputada na distância de vinte e cinco quilómetros, reforçou a impressão de êxito popular e desportivo deixada pela primeira corrida.

O percurso escolhido, de S. Pedro de Sintra ao campo das Salesias, era relativamente fácil porque predominavam as descidas, e êste facto, quanto a nós, decidiu a classificação dos melhores homens.

Triunfou Manuel Dias, o campeão de melhor classe que o atletismo português até à data revelou. Espicaçado pelas opiniões da crítica, que após os quinze quilómetros afirmaram dum modo geral a sua incapacidade para grandes distâncias, o brioso corredor preparou-se com escrupuloso cuidado, pôs em acção uma energia admirável e arrancou para o seu glorioso activo mais uma vitória valiosa.

Manuel Dias ganhou, e ganhou bem; mas mantemos a opinião de há um mês, considerando o esfôrço excessivo para as suas características. Há vitórias que se pagam, depois, bem caro.

O directo adversário do vencedor foi Adelino Tavares, o corredor português mais dotado para corridas de grande fundo; acusou nítida melhoria de forma e fazemos dêle o favorito para a prova de 5 de Abril. Preparado desde o princípio da época com determinado objectivo, não soube impôr-se os sacrifícios necessários e por isso as classificações anteriormente obtidas não correspondêram às suas possibilidades.

O heroi da primeira corrida, o "júnior" Jaime Mendes, não poude confirmar a vitória, apezar da prova valorosa que prestou; sucedeu aquilo que prevíramos, e a extensão do percurso bateu a energia do joven pedestrianista, a quem falta arcaboiço para provas desta natureza.

António Fonseca, o outro "melhor" dos 15 quilómetros, falhou também; os músculos traíram-no no final do trajecto, em contraturas dolorosas que o impediram de correr.

A chuva, o vento e o frio dificultaram bastante o esfôrço, já de si rude, dos participantes; às más condições atmosféricas se deve atribuir a elevada percentagem de desistências.

■

O célebre rigor do amadorismo olímpico, uma vez mais cai em falência. E' bem verdade que o ridículo não destroi.

O Comité Organizador Alemão, incluiu no programa dos jogos o torneio de football, que em Los Angeles não fôra disputado. A extraordinária popularidade do jogo da bola, que atrai aos estádios as maiores multidões e, portanto, promove as maiores receitas, torna-o elemento indispensável nas grandes organizações europêas.

A obrigatoriedade de aceitar apenas a inscripção de grupos constituídos por amadores puros, afastou do torneio de Berlim as nações mais categorizadas e ameaçava comprometer seriamente o êxito da competição.

O critério elástico dos pontífices olímpicos encontrou, porém, meio conciliatório e, segundo cremos, a exigência da declaração de amadorismo olímpico foi substituída pelo simples certificado de "não profissionalismo" dentro da latitude ampla de critério do certificante.

Colocado assim o problema num plano diverso, aventa-se a hipótese de participação do football português, que repetiria a célebre aventura de Amsterdão.

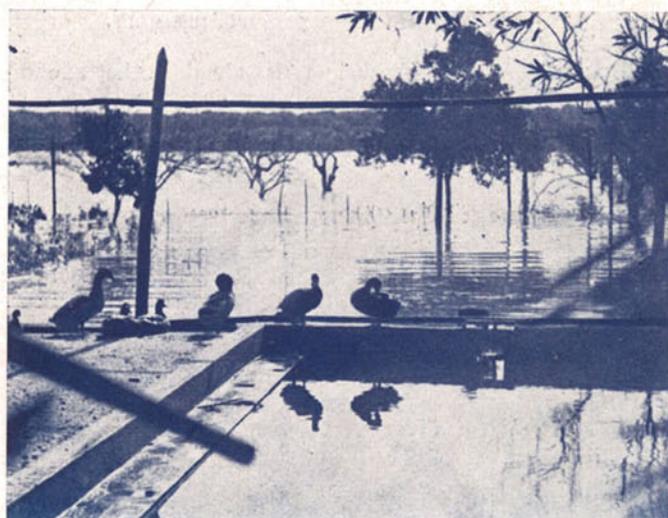
Salazar Carreira.

Vista geral das tribunas e camarote de honra do Estado Olímpico de Berlim

Um aspecto pouco vulgar do trampolim de saltos de Gamirsch

Os ciclistas franceses Richard e Dayen acabam de bater o record do mundo da hora em «tandem», percorrendo 48,km. 668, na pista de Arachon

NOVOS ASPECTOS GRÁFICOS DAS INUNDAÇÕES NO RIBATEJO

São raros entre nós, felizmente, os invernos rigorosos como o que está em vias de terminar. Por todo o país as inundações atingiram proporções invulgares, com os conseqüentes prejuizos. Damos nesta página uma colecção de artísticas fotografias em que se fixam alguns aspectos das cheias, que por devastadoras não são isentas de beleza como o leitor decerto reconhecerá.

AS FERAS NA ARTE

Em todos os tempos, os animais têm inspirado os artistas. Pode mesmo dizer-se que foram êles o primeiro motivo de criação plástica. Os escultores da Idade do Bronze nos toscos relevos gravados nas paredes das suas cavernas pouco mais fizeram do que reproduzir os animais que conheciam e a quem disputavam, em perigosas lutas, o predomínio sôbre a Terra.

No nosso tempo, continua essa a ser uma das especialidades da pintura e da escultura. Especialidade difícil que, no caso das grandes feras, requere do artista uma alma de caçador e aventureiro. Reproduzimos nesta página um conjunto de trabalhos de animalistas modernos, duma beleza e exactidão notáveis.

Ao alto: *Manada de elefantes, por Arthur Wardle*. A' esquerda e em cima: *Gorila e leão, dois vigorosos desenhos de Fritz Behn, professor da Zoologia de Munich e infatigável viajante.* Em baixo: *Tigres espreitando a presa, por Arthur Wardle*

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

NAS BELAS ARTES

Revestiram sem dúvida alguma extraordinário brilhantismo, as festas de carnaval, de caridade, que êste ano se realizaram no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, organisadas as da noite por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e de tarde por uma comissão de gentis senhoras solteiras pertencentes também á nossa melhor sociedade. As primeiras constaram de grandiosos bailes, com ceia á americana, sendo abrilhantados por tres exímias orquestras «jazz-band», e as segundas por festas infantis, em que houve chá dansante e concurso de crianças mascaradas, em que fôram disputados artísticos prémios.

Tanto as festas de noite, como as de tarde, fôram elegantemente concorridas, oferecendo o vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, aspectos verdadeiramente encantadores, para o que muito concorreu o grande número de famílias da nossa melhor sociedade que ali derem ponto de reunião.

Diplomatas

Em honra do sr. D. Mariano Armendariz del Castillo, encarregado dos negócios do México, em Portugal e de sua esposa, a sr.ª D. Margarida de Armendariz del Castillo, que em breve regressam ao seu país, ofereceram ao sr. D. José Juncal Verdula, ilustre embaixador de Espanha, em Portugal e sua esposa, um jantar, a que foram convivas além dos homenageados, os senhores René Correia-Luna, encarregado dos negócios da Argentina e esposa, D. Carlos Azocar Alvarez, encarregado dos negócios do Chile e esposa, Pons, consul do Uruguai e esposa, o pessoal da embaixada, e os filhos dos ilustres diplomatas.

Terminado o jantar, realisou-se uma animada recepção, de carácter íntimo, que decorreu sempre no meio da maior alegria, tendo além de animada conversação, dansado quási sem interrupção até perto das três horas da madrugada.

Pela uma hora foi aberto o salão de mesa do palácio da embaixada a Palhavã, onde foi servido uma finíssima ceia.

Os salões da embaixada nessa noite ofereciam um aspecto verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu não só o grande número de meninas e rapazes da nossa primeira sociedade, como também da colónia espanhola em Lisboa e do corpo diplomático.

Os ilustres embaixadores, seus filhos e pessoal da embaixada, foram incansáveis de amabilidade para com os numerosos convidados que se retiraram gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

Chá dansante

Por iniciativa de um grupo de senhoras da colónia espanhola, tendo como figura principal a sr.ª marquesa de Santojo, realisou-se na tarde de um do corrente, nos salões do Hotel Flórida, um «chá dansante» que foi concorridíssimo, não só por tudo que de melhor conta a colónia espanhola, em Lisboa, como da nossa primeira sociedade.

Ao som de uma exímia orquestra «jazz-band» dansou-se até perto das vinte e uma horas, apenas interrompida por alguns números de dansas características por dois dos mais pequenos discípulos da distincta professora de dansa senhora de Britton's, e pela notável declamadora sr.ª D. Alice Oeiras, que deliciou a selecta assistência, com a recitação de algumas poesias, sendo todos os números do improvisado programa muito aplaudidos.

Festas como a da tarde do dia primeiro do corrente, ficam para sempre gravadas na memória de todos aqueles que a ela assistiram.

Casamentos

Em capela armada na elegante residencia da sr.ª D. Margarida Pinto de Souza Coutinho e Gouveia e do sr. dr. Joaquim José Luís Fernandes Camêlo Gouveia, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Tereza, com o sr. D. Segismundo do Carmo Câmara de Saldanha (Rio Maior), filho da sr.ª D. Mariana da Câmara, já falecida e do sr. D. José Luís de Saldanha (Rio Maior). Fôram madrinhas as sr.ªs Maria da Penha Pinto de Souza Coutinho (Balsemão), tia materna e D. Ana de Brito Camêlo de Gouveia, tia paterna e padrinhos os srs. Marquês de Rio Maior tio paterno e D. Carlos da Câmara (Ribeira Grande), tio materno.

Presidiu ao acto o coadjuctor da freguezia de S. Mamede, reverendo Gomes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de meza da elegante residencia, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artisticas prendas.

Na assistencia a cerimónia viam-se as seguintes pessôas:

Marquês e Marquesa do Lavradio e filhos, Marquês e Marquesa de Rio Maior, Conde e Condessa de Alcáçovas e filhos, Conde e Condessa de Seisal, Conde e Condessa de São Tiago, Conde e Condessa de Castelo Mendo (D. Rita e António), Conde e Condessa de Almoster, Conde e Condessa de Vilar Maior, Conde e Condessa de Rio de Maior, Conde da Ribeira Grande, Conde da Azinhaga, D. Carlota da Cunha e Meneses da Câmara, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, João Perestrelo e D. Edite Schaw Perestrelo, D. Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. António de Bragança (Lafões)' e D. Ana da Câmara de Bragança, D. José de Castelo Branco (Pombeiro), D. Maria do Carmo da Câmara de Castelo Branco e filhos, Tomás de Atouguia Pinto Basto e D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, D. Caetano da Câmara (Ribeira Grande) e D. Maria Luísa de Magalhães Coutinho da Câmara, D. Carlos Zarco da Camara e D. Maria Moniz da Câmara, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Francisca Teles da Silva Pacheco e filha, D. Paulo de Castro Guimarães e D. Maria da Glória da Cunha e Meneses Castro Guimarães, D. Maria Madalena de Castro Pereira e filha, D. Júlio Smith e D. Joana de Albuquerque Smith, D. Maria Augusta de Castro Quevedo e filha, D. Maria Izabel de Albuquerque, Gonçalo Teles da Silva (Tarouca) e D. Maria Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, Francisco de Brito Camelo, D. Maria Luísa de Brito Camelo e filhos, BasílioCaeiro da Mata e D. Maria da Glória Soares de Albergaria Caeiro da Mata, João de Castro Pereira e D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, Professor Dr. José Sobral Cid e D. Maria Vitória de Barros Lima Sobral Cid, Henrique Taborda Monteiro e D. Ana da Cunha e Meneses Taborda Monteiro, D. Assunção Perestrelo de Matos, D. Joaquim de Mascarenhas Fiuza e D. Maria do Carmo Lobo da Silveira Fiuza, D. Luísa Ulrich Pinto Basto, Dr. Gaspar da Cunha Monteiro e D. Inês Coverley Monteiro, D. Constança da Cunha e Meneses (Lumiares), D. Bárbara da Cunha e Meneses Monteiro, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Maria de Lourdes da Cunha e Meneses, Rodrigo e Nuno de Castro Pereira, D. Ana e D. Conceição de Brito Camelo, D. Maria Teresa Bramão, Luís e Francisco de Sousa Coutinho (Balsemão), D. Heloisa Maria da Costa Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Maria da Luz Vilardebó Chaves, D. MariaEugénia Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Eugénia e D. Maria da Natividade Perestrelo Guimarães, Sebastião Teles da Silva (Tarouca), Domingos Brifa Roque de Pinho (Alto Mearim), José Perestrelo Guimarães, António Camelo de Gouveia e filhos, Estêvão Van-Zeller, José Pinto Basto, José Corrêa Henriques (Seisal), Francisco de Lucena, Justiniano Leça da Veiga, Augusto Cardoso, D. Maria Luísa e D. Maria Filomena Monteiro de Andrade e Sousa, Dr. Mário Beirão, Manuel de Andrade e Sousa, D. Berenice Rugeroni, D. Joana, D. Fernanda e D. Stela de Lencastre Laboreiro Fiuza, D. Tereza Daun e Lorena (Pombal), D. Josette Martim, D. Joanne Esterbet, D. Berta Anerbach, Miss O Keeffe, etc., etc.

— Realizou-se na paroquial de Santa Catarina, o casamento da sr.ª D. Umbelina do Pinho e Santos, distincta professora inscrita nos liceus e no conservatório, gentil filha da sr.ª D. Gracinda do Pinho e Santos, e do sr. Martins dos Santos, com o sr. António Marques da Costa, filho da sr.ª D. Rosa da Conceição Marques da Costa, já falecida, e do sr. Raul Marques da Costa, funcionário ultramarino.

Fôram madrinhas as sr.ªs D. Maria Deolinda Dias Soares dos Reis e D. Efigénia Ferreira, prima do noivo, e padrinhos os srs. João Reis, distincto pintor, e dr. Abailard Augusto da Costa, primo do noivo.

Presidiu ao acto o professor do Conservatório Nacional de Música reverendo Tomás Borba, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Durante a cerimónia religiosa o soprano ligeiro sr.ª D. Natália Correia Pereira, cantou com acompanhamento de órgão e violino respectivamente feitos pela distinta professora sr.ª D. Emília Oliveira e Silva e pelo sr. João Augusto Nogueira, vários trechos de música sacra.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Em Óbidos, realizou-se na igreja matriz, o casamento da sr.ª D. Josefa Nunes Martins, interessante filha da sr.ª D. Mariana Nunes Martins, e do sr. Bernardo Martins, com o sr. Frederico Ceia Gomes, filho da sr.ª D. Ester Ceia Antunez e do sr. Hilário Gomes, já falecido, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Maria da Conceição Nunes Martins de Morais e Luís Ceia, tendo presidido ao acto o reverendo monsenhor Câncio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Tereza Helena de Noronha Peres Trancoso gentil filha da sr. D. Filomena de Noronha Paulina Peres Trancoso e do comandante sr. Francisco Peres Trancoso, com o sr. Vítor do Nascimento Vaz, servindo de padrinhos os pais dos noivos, a avó e o irmão da noiva respectivamente a sr.ª condesssa de Maêm (D. Maria Helena), e o sr. Rui Alvaro de Noronha Peres Trancoso.

Serviram de «damas de honor» as primas da noiva sr.ªs D. Maria Eugénia de Noronha Lencastre da Veiga, D. Maria Helena e D. Maria Amélia Garjinho de Noronha (Maêm).

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche.

— Realizou-se na paroquial de S. Mamede, o casamento da sr.ª D. Maria Amélia Coelho de Campos, interessante filha da sr.ª D. Maria de Jesus Figueiredo Coelho de Campos e do sr. Luiz Coelho de Campos, com o sr. Manuel de Sousa Teixeira de Sampaio, distinto engenheiro, filho da sr.ª D. Maria Adelaide de Sousa Teixeira de Sampaio e do sr. Manuel Teixeira de Sampaio.

Foram madrinhas as sr.ªs D. Maria José Figueiredo de Campos, tia da noiva e D. Maria da Gloria Lino da Silva Horto Osório, e padrinhos os srs. Conselheiro Fernando de Sousa, e Francisco Quintela de Sampaio, respetivamente avô e tio do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua Benção.

Ao acto presidiu o reverendo prior de Santa Isabel, monsenhor Porfírio Cordeiro que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Na elegante residência da sr.ª D. Louise Vigourou Pablo e do sr José Rodrigues Pablo, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Suzana, com o sr. dr. José António Nunes Brak-Lamy, filho da sr.ª D. Edelzuita Neves Brak-Lamy e do sr. José Padesca Brak-Lamy, servindo de madrinhas as srs ªs D. Maria de Sales Brak-Lamy e D. Augusta Lage Pablo e de padrinhos os srs. Manuel de Sales Brak-Lamy e João Pablo Júnior, presidindo ao acto o reverendo prior dos Anjos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidos grande número de artísticas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paroquial de S. Jorge, em Arroios, presidindo o reverendo prior da freguezia cónego dr. Martins Pontes, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Sára Franco Gomes Neto, interessante filha da sr.ª D. Virgínia Franco Neto e do sr. José Gomes Neto, com o sr. Juvenal da Luz Correia, filho da sr.ª D. Maria da Luz Correia e do sr. António Maria Correia, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Carolina Franco e D. Alda Falcão e de padrinhos os srs. José Henriques e João da Silva Luz.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da madrinha da noiva, um finissimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidos grande número de prendas, para o Estoril.

D. Nuno.

A CULTURA FÍSICA

NA VIDA DA MULHER MODERNA

Desde que a mulher existe, que ela tem pela sua beleza, um culto pagão. Eva no paraiso terrestre ao ver o seu rosto reproduzido na água espelhada e cristalina dum ribeiro, sentiu a maior alegria e dêsse ímpeto nasceu o coquetismo.

De aí por diante existia no mundo a vaidade feminina, essa vaidade, que leva algumas mulheres aos últimos extremos e que é a perdição de tantas, que absolutamente se lhe entregam.

No próprio amor, êsse sentimento que a mulher tanto reivindica para si, achando sempre, que ela melhor do que o homem o compreende, nasce dêsse sentimento de vaidade de ser admirada, de ter quem aprecie os seus encantos, e de ser desejada.

A vaidade è talvez na vida da maioria das senhoras o sentimento predominante, e é essa maneira de sentir, que faz com que a mulher quando não é bela do seu natural, empregue os maiores esforços para o vir a ser e quando nasce com o dom da beleza, faça tudo para a conservar através dos anos.

Uma das suas preocupações é a elegância e para ter as linhas proporcionadas, que a moda exige, através dos séculos, a mulher tem sofrido verdadeiras torturas.

Na Idade Média e na Renascença para conseguir ter os afunilados bustos, que eram então a moda, não hesitavam as senhoras em meter o seu corpo em espartilhos de ferro, que lhes esmagavam as carnes, e, que eram verdadeiros instrumento de tortura, que quando os vemos nos museus de indumentária nos fazem arrepiar, pensando no que sofreriam as mulheres que os usavam.

No primeiro Império surgiu em França a moda das túnicas gregas, que não pediam martírios, mas que para caír com harmonia e graça exigiam corpos estatuários e que nem sempre a mulher tem. As próprias gregas e romanas enrolavam faixas em volta dos seus corpos para lhes dar a forma perfeita, que a verdadeira elegância requeria. Mas essa moda passou porque a mulher francesa, em tôdas as épocas, só tarde renuncia à elegância e à beleza, e os corpos femininos não tendo a sujeição do espartilho, ràpidamente se deformavam e engrossavam o que representava para a mulher um verdadeiro desastre. O espartilho foi sempre sofrendo modificações, mas tendo sempre um papel muito importante na elegância da mulher.

Com as várias evoluções da Moda, o espartilho foi-se modificando e ficou-nos a cinta, mas a mulher moderna não quer dever a sua elegância apenas à cinta e a sua maior ou menor pressão e por êsse motivo começou a fazer desportos e a ter o maior cuidado com o regimen alimentar.

Mas isto não é o bastante e os higienistas começaram a preconizar, como coeficiente máximo da elegância feminina e da manutenção da linha, a cultura física.

A gimnástica é hoje a verdadeira modeladora da mulher moderna, da Venus do século vinte. Começou a fazer-se a vida ao ar livre, os desportos unidos à gimnástica têm desenvolvido na mulher o gôsto pelo exercício, o que lhe permite manter até tarde a esbelta linha duma mulher de trinta anos. A flexibilidade e a agilidade não são hoje apanágios da rapariga de vinte anos. Vemos aos cinqüenta anos mulheres que se mantem numa perfeita linha de elegância e fazem sem o menor esfôrço quilómetros a pé, jogando o «golf» e dançam uma noite inteira sem demonstrarem o mais leve cansaço.

A cultura física tem a maior influência nesta maneira de ser e nada há para manter a saúde num perfeito equilíbrio como a gimnástica que se faz de manhã ao ar livre ou diante duma janela aberta.

Antigamente nenhuma senhora se sujeitaria às posições de gimnástica e ao quási tormento que ela representa para as principiantes e eu compreenda-as bem, porque entre nós não havia até há bem pouco tempo ensino de gimnástica infantil, de forma que para corpos sem preparação o primeiro mês é muito incomodo.

A primeira coisa a recomendar às senhoras que no desejo de serem elegantes e de se conservarem novas se queiram dedicar à cultura física, é que o não façam sem a direcção dum bom professor de cultura física. Nada mais prejudicial do que a gimnástica feita ao acaso, apenas vendo gravuras dum livro.

Depois de ter feito a gimnástica debaixo da direcção de quem a sabe ensinar, pode fazer-se só, mas de vez em quando deve recorrer-se de novo ao professor, para que se possa rectificar qualquer falsa posição, que possa prejudicar o harmonioso desenvolvimento de todos os musculos.

Entre nós já há senhoras habilitadas ao ensino da gimnástica o que é muito mais cómodo e agradável para aquelas que têm negação a fazê-la com um professor.

No estrangeiro a mulher está dedicando a maior importância á cultura física e as artistas não a dispensam para a manter a sua linha de juventude e sedução.

Elvira Kopesco, a artista bem parisiense, ainda que nascida na Romenia, dedica uma hora todas as manhãs á cultura física e diz ela que á ginástica deve a perfeição das suas linhas e a esplendida saúde que goza, e, lhe permite os trabalhos cénicos sem a menor sombra de fadiga.

Uma hora a pé todas as tardes nas aleas tão belas do Bois de Boulogne completam os seus cuidados e a sua cura para manter em perfeito equilíbrio os seus nervos de artista e a sua graça de mulher.

A saúde é uma das melhores armas neste mundo e como na Grécia antiga a cultura física tem uma importância enorme na vida da humanidade moderna.

Não quero com isto dizer, que será sempre a cultura física recomendada pelos médicos, e, que não aconteça de aqui a alguns annos, o que aconteceu á civilisação grega, e, que o que todos nós achamos hoje de melhor não seja posto de parte.

Na vida da mulher tudo é uma questão de moda, mas como esta segundo os entendidos é util á saúde não quiz deixar de falar nela ás minhas leitoras, ainda que, com a certeza que de aqui a algum tempo terei de falar muito mal dela e aconselhar qualquer outra coisa.

Mas a vida é assim e quem sabe até, se não é esse o seu maior encanto.

Maria de Eça

PÁGINAS FEMININAS

Nunca é demais lembrar ás mães a educação de seus filhos. Não venho falar-lhes da instrução, que é uma coisa que muita gente confunde com a educação e que é muito diferente. Hoje todos se occupam de dar instrução a seus filhos, da educação nem todos se preocupam.

A educação compete ás mães porque é a formação da alma das creanças e ninguem melhor do que a mãe o póde fazer, porque com o seu carinho com a sua ternura, póde crear a sensibilidade na creança, que mais tarde na vida lhe dará o tacto para se saber conduzir, conquistando o seu lugar na sociedade, sem atropelar ninguém, sem ferir susceptibilidades e tendo em todos os actos da sua vida, essa correcção que só uma pessôa bem educada póde ter.

Infelizmente em Portugal têm havido até agora um grande desprezo pela educação e as mães julgam que estimar os filhos é fazer-lhes tôdas as vontades e achar graça a tudo quanto êles fazem, embora isso seja o mais prejudicial que póde ser para a formação do seu carácter.

Não é exagero dizer que entre nós, é bem educado quem nasceu com êsse dom natural. Ás vezes as creanças dizem coisas, que até revelam indicios de maldade e no entanto os pais riem-se, acham graça áquilo que os devia fazer estremecer. no receio de terem deitado ao mundo monstros morais.

A prova mais evidente da descurada educação da nossa gente, e, não só do povo se trata, mas de camadas sociais que já deviam ter educação, trouxe-a o Carnaval dêste ano com brincadeiras, que revelaram falta de educação e de sensibilidade moral.

Em todos os paizes o telefone é um instrumento de civilização, utilisado para comodidade, para apertar os laços sociais, permitindo nos grandes meios rápida comunicação e facilidade de convivencia.

Entre nós o telefone foi êste ano utilizado para brincadeiras, se assim se lhes póde chamar, do pior gôsto e que acusam na população uma insensibilidade moral absoluta.

Noticias que incomodavam a ponto de prejudicar a saúde de quem as recebia.

A uma senhora fraca e doente telefonava uma agencia funerária dizendo que o caixão ia em seguida, porque pelo telefone lhe tinha sido encomendado, dando-se a triste coincidencia de passados dois dias falecer de repente, uma pessôa de familia, ficando a senhora num estado de nêrvos que se póde compreender.

Estas brincadeiras denotam um estado de selvajaria, que eu creio que nem os hotentotes são capazes de atingir.

Mas não é só no carnaval que o telefone é utilisado para incomodar o próximo. Durante todo o ano se vê a tendencia para a partida e claro está que essa partida trata-se sempre, que seja o mais contundente possivel. Há um casal em que se sabe que a senhora é um pouco ciumenta, toca a telefonar, participando-lhe que o marido está junto duma rival.

Quando êste chega a casa ai temos uma cêna terrivel, e, perturbada a paz do lar, êsse santuario, que tôdas deviam respeitar, mas que a falta de educação faz tornar alvo dos seus tristes gracejos, que denotam a maior crueldade de alma, porque ferir a felicidade alheia é tão criminoso como dar uma facada pelas costas.

Há ainda muita gente que têm deixado de ter telefone para evitar graças a que o seu lar fica sujeito, estando póde dizer-se aberto a todos os mal intencionados. E outras há que o não querem ter privando-se dos beneficios da civilisação, que só pódem ser usados e com proveito, em paizes civilisados e onde o respeito próprio e do próximo não é um mito.

Mas se aos que agora fazem essas brincadeiras só a lei póde educar aplicando-lhes as suas sanções, evitemos que isto assim continue e eduque-se o povo, para que possa figurar entre os civilisados e as mães cumpram o seu dever educando seus filhos, formando almas e caracteres que honrem a sua Pátria e de quem nunca se possa dizer o que o Carnaval dêste ano nos autorisa a dizer dos nossos contemporâneos.

A esperança está nas gerações novas que nelas encontremos a educação e respeito pelo bem-estar alheio e tudo o que torna o cidadão perfeito.

Maria de Eça.

A moda

Com a modificação que a moda tem sofrido últimamente, começa a notar-se na mulher, a tendência para vestir segundo a idade, posição e estado.

A seguir à guerra a moda atravessou alguns anos de dura provação para as senhoras que não estavam na primeira mocidade. Não havia vestidos senão para bébés, e o vestido «chemise» que tornava interessante a rapariga de 18 anos, desfavorecia par completo a senhora de quarenta.

Foi a época em que difícil era descriminar pelas costas a neta da avó, foi a época que Paul Bourget o chorado escritor, classificou «daquela em que as jóvens de sessenta anos sabiam tirar melhor partido».

Mas hoje já não é assim e é mais sensato, porque a mulher parece tanto mais nova quanto mais à sua idade se veste.

Nss vestidos de noite, nota-se actualmente muito a diferença e só temos que nos felicitar por isso.

Damos hoje um lindíssimo modelo para as raparigas muito novas, mas que pode também ser usado pelas jóvens casadas, sem que por isso fiquem ridículas pois é um vestido que a tôdas convém.

Em «moirée» rosa muito pálido, é da maior simplicidade, ainda que no seu corte haja qualquer coisa do século XVII. O corpo muito simples é guarnecido com um «fichu» pregueado no mesmo tecido que é rematado à frente com uma rosa em veludo preto.

Sapatos na mesma «moirée» um colar de pérolas rosa e uma pulseira de pérolas com fecho em diamantes, completam êste conjunto.

Verdadeiramente encantador para um primeiro baile é êste vestidinho em «organdi» de seda, azul muito pálido, que só pode fazer sobresair a graça duma rapariga na flor da juventude.

Em folhos desde a borda da saia aos ombros, vão êstes folhos estreitando para cima o que lhe dá o mais gracioso aspecto. Um cinto que forma laço atraz em «lamé» de prata completa o. Assenta o organdi num «dessous» em «taffetas» da mesma côr. Os sapatos em pelica prateada.

O vestido ao lado que pede também uma juventude em flor é em tule côr de canário com três barras de «lamé», de ouro na saia. O decote é também guarnecido de folhinhos. O cinto é em «taffetas» e remata com uma rosa amarela. Nada de mais simples e fresco se pode desejar para uma graciosa rapariguinha.

Para um chá, para um almôço em casa duma amiga íntima temos um lindo e elegantíssimo vestido em «crêpe» de lã, preto. Dum corte muito simples, tem como guarnição um leve e dedicadíssimo bordado em ouro velho que guarnece também as mangas, que têm um corte moderníssimo.

O chapéu em «taffetas» é um dêsses graciosos modelos de primavera, que tão em favor estão. Guarnece-o um fino e ligeiro véu.

Para a noite é enorme a variedade dos abafos.

Tudo o que é «chic» e elegante se usa. Desde as capinhas pequenas aos grandes «manteaux». As peles, os veludos os setins tudo se usa e tudo, quando tem verdadeira elegância, é moderno. Mas nada há que se iguale às grandes capas de veludo, que dão à mulher um ar de grande majestade e imponência. A elegantíssima capa de que damos hoje o modelo é em veludo «ciclamen» carregado, forrada a setim lilaz muito pálido. A gola franzida segura a grande roda da capa, que pode ser usada caída, ou traçada no ombro como o figurino que damos.

Tem muito «cachet» esta capa que torna deslumbrante qualquer elegante à entrada duma festa.

Higiene e beleza

Apesar da modificação da moda, apesar das prevenções dos médicos, a mulher continua a querer emagrecer, preocupando-se extraordinàriamente quando pesa um pouco mais. É um êrro. A obesidade é anti-estética e deve ser tratada como uma doença que é, mas o excesso de magresa também é doentio. As pessoas normais, com o pêso correspondente à sua altura e idade não devem fazer dietas, que as podem prejudicar.

O que podem e devem é fazer todos os dias exercício, para não engordar e manter a sua saude, segundo as regras da higiene.

E não há melhor exercício do que andar. Tendo a coragem de andar uma hora por dia, consegue-se muito fácilmente manter a linha de elegância e sem o mais leve prejuizo para a saude, antes pelo contrário com grandes vantagens. Não pode haver nada de melhor e fica assim ligada a beleza à higiene.

A linha da mulher não pode nem deve ser a linha vertical.

A influência das côres

Há quem diga que a preferência da mulher por uma ou outra côr, é o reflexo dos seus sentimentos, e, a manifestação do seu carácter. Assim pode descobrir-se pelas côres que usam quais os sentimentos das senhoras que encontramos na rua.

O branco indica o desprezo da materialidade, o extase na felicidade, na pureza na luz divina. O amarelo não está longe desta espiritualização, mas confunde-se já com uma necessidade de alegrias humanas.

O vermelho revela o coração na nua sinceridade duma paixão, e é assim o grito do amor, do prazer, da rebelião ou da paixão terrível e avassaladora do dinheiro, a adoração do bezerro de ouro.

O azul celeste, sinal de sossêgo, de reflexão, de serenidade de alma, e, como exprime também a fidelidade, é a côr que o homem deve preferir ver na mulher, porque é uma garantia para o seu descanso e felicidade. Além disso só as mulheres belas o usam, mas se é usado por uma velha, quer dizer que pode ser perdido a flor da beleza mas que conserva a energia moral.

Um conselho: o vermelho deve ser usado com o azul celeste, mas não com o azul vivo, porque indicaria uma dor latente, e também não com o vermelho ardente, revelador dum soberbo orgulho.

Depois destas côres fundamentais vem o lilaz que fala de triunfos passados e anuncia resignação.

A mulher que usa o amarelo e o verde é falsa e invejosa, a de cinzento é combatida pela incerteza, e a de preto é uma senhora irrepreensível, e se alguma vez forem tentados a pensar que não, enganaram-se.

Quando á mulher que abusa da côr de rosa e que anda sempre desta côr, não tem carácter definido, ou é uma grande «coquette».

As que usam tôdas as côres e que não têm uma preferência definida por uma só côr devem possuir tantas virtudes como vestidos e alguns defeitos também visto as côres também os indicarem.

A mulher e a floricultura

Não pode haver para a mulher uma melhor ocupação do que a floricultura. E' duma poesia infinita o que sempre agrada ao espírito inteligente da mulher e que ao mesmo tempo pode dar bastantes lucros.

Na Bulgaria e na Turquia há povoações inteiras, que vivem do cultivo das rosas, que são aproveitadas, para fazer os perfumes orientais tão conhecidos e afamados.

Em Grasse, na província dos Alpes Marítimos também se dedicam à cultura das flores com renumeração vantajosa.

E não ha país, que melhor se preste do que o nosso, para essa cultura. Nós que temos rosas todo o anno e todo ano flores, melhor do que ninguem nos podemos dedicar á floricultura, para vender flores, para fabricar perfumes, para tudo dá a floricultura.

E aqui fica ás nossas leitoras a sugestão para se dedicarem a esta indústria as que para isso tenham terreno, e, que entre nós haja campos de rosas como na Turquia e na Hungria e campos de cravos como em Bardichera esse paraiso italiano á beira do Mediterraneo.

Receitas de cozinha

Ameijoas á «Saint Cast»: 1.º Cortam-se em dados de 3 mm., 60 gramas de raiz de aipo branco ou verde e estufam-se em manteiga, até sua completa cosedura; junta-se-lhe uma colher de cebola picada.

2.º Raspam-se e lavam-se em diversas águas 2 quilos de ameijoas medianas, deve desconfiar-se e pôr de lado as que pareçam pesadas, porque podem ter lôdo. Deita-se numa caçarola, cebola muita picada, alguns ramos de salsa, um pouco de toucinho e louro e meio copo de vinho branco.

Cobrem-se de água e fazem-se abrir as ameijoas sobre bom lume, mexendo-as de vez em quando. Em seguida tiram-se das conchas e colocam-se num prato concavo, coberto com uma tampa. Toma-se decilitro e meio da água de as abrir, côa-se por um pano, depois reduz-se esta água a 3 colheres, fervem-se; mistura-se esta redução com 2 decilitros e meio de molho de «Mayonnaise» e junta-se o aipo. Cobrem-se as ameijoas com o molho e deita-se-lhe por cima uma porção de salsa finamente picada.

De mulher para mulher

Luisa: Nunca pode incomodar quem tão gentil é. Sobre o mobiliario da sua futura casa depende do seu gosto, do seu noivo e da casa para onde forem habitar. Se é uma casa antiga está bem êsse gosto pelo antigo, mas se vão viver numa casa moderna duas pessôas novas, porque não hão de escolher moveis modernos? E ha-os bem bonitos.

«Forget me not»: Acho essa ideia demasiadamente romântica, nem parece duma rapariga desta época. As coisas sérias tratam se com seriedade, mantenha-se numa reserva discreta, é essa sempre a atitude que deve tomar uma rapariga séria e honesta. Acho cedo para comprar chapéu espere um pouco mais.

Alice: Se pode educar a sua filha em casa e dar-lhe a instrução que hoje é necessária ás raparigas, não a interne. Creia que não ha melhor companhia do que a da mãe, e a das filhas é também muitas vezes muito útil ás mães. Ocupando-se da sua filha esquecerá essas desilusões, que são as de todas afinal...

Violeta:—Na serra da Estrela póde fazer o «ski» como o tem feito na Suiça e nos Pirineus; é uma questão de se deslocar e instalar uns dias nas pensões, que já ali ha. Nunca devemos viver a lamentar o que já passou e devemos organizar a vida dentro do que actualmente temos e saber viver com alegria.

Apenas um gesto

E temos fazendo um simples gesto a roupa lavada. Foi dado a público um novo invento: a máquina de lavar roupa, pela electricidade, que se põe em movimento com um simples gesto da mão. Parece que isto nos transporta ao reino do mistério, porque nos contos de fadas, esta faz sempre prodígios com um simples movimento da mão.

Mas no caso da nova máquina tudo se explica. O inventor fabricou um aparelho que combina os princípios da célula foto-elétrica e do tubo de rádio.

Agitando a mão ela projeta uma sombra de modo que a célula sensível à luz, estimula uma chuva de eletricidade do tubo e fecha um circuito, que acciona os motores da máquina.

E' fácil prever que qualquer dia que não vem longe seremos tôdas fadas e que agitando levememte os dedos fecharemos as portas ao longe, acemderemos o lume pelo mesmo sistema e substituiremos a lavadeira fazendo tudo com mais ecomomia e comodidade.

O que resta saber é o preço da máquina.

Pensamentos

Os anos passam a galope, nunca a passo comedido, e os belos destinos deviam caminhar demoradamente.

O tempo foge e nunca o poderemos fazer voltar atrás.

Para viver feliz é necessário aceitar a vida tal ela é, amoldar-se-lhe e não querer amoldá-la.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 45

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BRAZ CADUNHA
N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

OLEGNA
N.º 22

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 5, Micles de Tricles; n.º 7, Veiga; n.º 14, Efonsa.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 22 pontos:
Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 20. — Salustiano, 19. — Rei-Luso, 19. — Só-Na-Fer, 19. — Só Lemos, 19. — Sonhador, 16. — João Tavares Pereira, 16. — Lamas & Silva, 15. — Salustiano, 15.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 9. — Aldeão, 9

DECIFRAÇÕES

1 — Torna-nada-tornada. 2 — Amo-morar-amorar. 3 — Doei-eira-doeira. 4 — Breviário. 5 — Cavaleiroso. 6 — Lardo. 7 — Arte. 8 — Previço-preço. 9 — Nanico-naco. 10 — Sonata-sota. 11 — Raleira-rara. 12 — Bisca. 13 — Pega-fogo. 14 — Permutado 15 — *Mandarete.* 16 — Pontoso. 17 — Calino. 18 — Cantarina. 19 — Pequena-pena. 20 — Fábula-fala. 21 — Gosmento-gôsto. 22 — *Frio de Abril nas pedras vá ferir.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Eu *nado* sem me *fatigar* nem *importunar.* (2-2) 3.
Lisboa — *D. Chica*

2) A *cega-rega* é, por *culpa, impenitente.* (2-2) 3.
Lisboa — *Dr. Fininho.*

3) Numa *adega subterrânea*, junto de um *valado*, descobriu-se outro dia um *banco de tanoeiro.* 2-2 (3).
Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

4) Você *emprega* essa *posição* na dança do *minueto?* 2-1.
Lisboa — *Caçador*

5) *Sòmente* a *coragem* caracteriza o *simples.* 1-2.
Lisboa — *Chim Pan Zé*

6) As *belezas* da nossa terra *até* me fazem *confusão!* 2-1.
Lisboa — *Sodargil*

7) A' *beira* da minha casa deram-se ontem dois *bailes*, mas quando lá cheguei só havia *sobejos da comida* da festança. 2-2.

8) *Homem feio* com *dinheiro* é o que convém para um *duelo.* 2-3.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 54

(Agradecendo ao exímio charadista Braz Cadunha)

9) Quando *a mim* se dirige uma «*mulher*» fico logo sabendo que temos *embrulhada.* 1-2.
Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

(Aos confrades lisboetas)

10) No *bairro* (1) da mouraria há sempre *animação.* 3-2.
Lisboa — *Caçador*

11) O *lucro inesperado* provém às vezes duma *balda.* 3-2.

12) Numa *patuscada* do campo come-se boa *carne.* 3-2.

13) Tem sido muito *comentado* o *destino* do homem. 3-2.

14) De um homem *grosseiro* se pode fazer um *caridoso.* 3-2.

15) Um *polícia* matou hoje uma *gibóia* 3-2.
Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

16) ...Se tem nove lá no meio
Onde vive alegremente,
Essas moças, sem receio,
Comem «*peixe*», certamente...
Tôrres Vedras — *Alfa e Ómega*

MEFISTOFÉLICAS

17) O meu balão vai *subir*...
Mesmo agora o vou *soltar*...
Já vai no ar, a fugir...
Tive pena de o *largar*.. (2-2) 3
Lisboa — *D. Aurora*

(1) de Lisboa.

TRABALHOS DESENHADOS

27) ENIGMA FIGURADO

Lisboa — *Veiga*

18) Na murraça mete *dente*,
Sendo «*achada*» de maneira
Que até causa dó à gente
Com tamanha *bebedeira* (2-2) 3
Lisboa — *Papo-Sêco*

19) *Rasgue*-me o peito, morena,
Pois me tortura o *ardor*,
Que me *queima* e dilacera,
Dêste tão profundo amor. (2-2) 3
Lisboa — *To-My*

NOVÍSSIMAS

20) *Logo que* pensei em ti — 1
— Santo nome o teu, Maria! —
Ninguém no Mundo mais vi.
Eras tu minha alegria!

Depois de muito penar,
Uma *palavra* me deste — 2
Que jàmais hei de olvidar
Pelo mal que me fizeste.

Há de o teu nome, Maria,
Que tanto quis fosse amado,
Por Deus ser em profecia
P'ra sempre *amaldicioado.*
Lisboa — *Kossor*

21) O *desmaio* que me deu — 2
Quando fui ao Coliseu
Não me sai do pensamento,
Pois aquilo era «*um*» portento! — 1
O artista, lá no alto,
De-repente deu um salto
Tão grande e fenomenal
Que o espanto foi geral.
Estatelou-se no chão.
Deu-me um baque o coração!
Trabalho *prodigioso*
E artista bem famoso.
Não estava preparado,
Logo caí desmaiado!
Lisboa — *Rás Kassa*

SINCOPADAS

22) Viver, assim como eu venho vivendo,
Uma vida sem vida, — insensitiva!
E' porque a alma vai — pobre cativa! —
No presídio da dor desfalecendo...

E' porque o *sentimento* vai morrendo
Por outro sentimento: a mágoa viva
Por qualquer coisa, enfim, que ainda priva
No coração de quem vem perecendo!

E' êste o viver meu — triste viver!...
Sofrendo o que não posso já sofrer
E' esta vida sem vida — insensitiva!

Mas tenho o *pensamento* animicida
Que breve aceda em me tirar a vida
Alguma alma sã, caritativa! 3-2
Silva Pôrto-Bié — *Efonsa*

23) Neste meu *atro* viver,
Desprovido de ambição,
Em que todo o sonho é «*vão*»,
Eu só aspiro a morrer. 3-2
Coimbra — *José Tavares*

24) «*Guarda*» bem das tentações
Esses teus lábios, *perfume*
Que embriaga corações
E nos queima como lume. — 3-2.
Lisboa — *Lord X*

25) *Prisioneiro* de amor,
Que de amor eu ando louco,
Lanço, triste, o meu clamor,
E de clamar já estou *rouco.* 3-2
Lisboa — *Miss Diabo*

26) O *valor* do meu trabalho,
Sem outra comparação,
Não está naquilo que espalho,
Mas na sua *perfeição.* 3-2.
Leiria — *Pobre Marreco*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz Ferreira Baptista, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa.

EVOCAÇÕES POÉTICAS

Ao virar da fôlha

Nos dias tristes, quisilentos, em que uma chuva miudinha e impertinente cai sem descanso, encharcando as calçadas, fecho-me no meu escritório, alheada de tudo, esquecendo o mundo exterior, e para distrair o espírito dou volta à minha estante, arrumando as prateleiras.

No alinhamento dos volumes, há sempre um nome que me chama a atenção e, muitas vezes me enternece, pela recordação dos momentos de beleza que a sua obra me ofereceu, e vem-me a vontade de fazer uma paragem na minha tarefa, folheando mais uma vez as suas páginas.

Hoje chamaram os meus olhos êstes versos de F. Gomes de Amorim — poeta muito da minha admiração:

Eu sinto, olhando o azul da imensidade,
Docemente cair no peito aflito
O bálsamo suave da saüdade,
Talvez lembrança vaga do infinito!...

Sonho outra pátria na celeste esfera,
Sem ódios, sem invejas dêste inferno;
Onde é perpétua e bela a primavera,
Que nutrirá meu ser de amor eterno.

Feliz, se em breve, livre da matéria,
Minha alma percorrer o espaço infindo!
Pois me parece na região sidéria
Que avisto Deus, sinto-me ir subindo.

E por afinidades de aspirações, pela mesma ansia de evasão dêste mundo torpe de hipocrisia, lembrei-me logo de Florbela Espanca e tocou a vez a essa linda alma de mulher de encantar-me com a delicia dos seus versos.

Nunca vi em pessoa a poetisa da *Charneca em flor*, mas o que sabia da sua vida interior, bastava-me para julgá-la muito minha conhecida, muito chegada a mim, pela sua dor e pela sua gula insaciada e martirisante de sensações novas, sempre acompanhadas de novas desilusões.

Tinha por ela um carinho, uma ternura que eu não sei explicar ainda hoje, como não posso explicar porque os olhos se me arrazam de lágrimas, quando me lembra de certas pessoas que morreram e que não me eram nada, mas que se salientaram na vulgaridade de qualquer meio pelo seu talento ou pela sua bondade.

E daí talvez eu minta a mim própria, quando digo não achar a causa de tão profunda comoção.

Devem ter a sua origem na impressão indelével que em mim produzem as manifestações de um grande e generoso espírito, servido por uma inteligência superior.

■

Tenho tanta pena, quando sei que alguém se vai desta vida, incompreendido, tenho tanta pena de ver mal julgados espíritos que merecem respeito e admiração, como se visse um cisne manchar a neve das suas plumas na água suja dum pântano.

Florbela Espanca

Que mágua me faz que tôdas as almas não possam compreender-se e amar-se, sem mesquinhas invejas, sem assomos de maldade a tentar pôr entraves aos anseios de alguém mais sonhador, mais desejoso de chegar a mais altos destinos sem a intenção de humilhar os que ficam para trás, e cuja glória reverteria a favor de tôda a colectividade.

E dizer que esta negrura de sentimentos não escolhe apenas inteligências insignificantes, que assim seriam desculpáveis por dar-lhe abrigo, ainda é mais doloroso de meditar.

Mas é assim mesmo. Há gente de talento até, com glória que farte, e que não tolera que mais ninguém alinhe na mesma fileira; e quando alguém com fôrça de vontade consegue perfilar-se a seu lado, não há partidinha que não lhe façam, a ver se o desgôsto leva a criatura a desertar.

Há quem resista contra tal sanha, quem fique de pé, firme como roble gigante açoutado por mil ventos contrários.

Mas essas têmperas de lutador são raras, e mais raras então no pobre sexo fraco, que é geralmente o mais atacado, se procura fugir à sua lendária classificação.

■

Florbela andava por êste mundo, saltitando como um passarinho medroso.

O seu canto, puro e melodioso como o dum rouxinol, escrito em rimas preciosas na pauta da mais esplendorosa musa, ofuscava os cucos e os pardais de voz monótona e vasia de expressão que enxameiam nos jardins parnasianos, e as suas picadas feriam-na, faziam-lhe mal à alma.

Cada vez que desprendia um canto, os espíritos de eleição rejubilavam, mas os asnos zurravam contrariados.

A sua ansia de perfeição sonhava com um outro mundo melhor.

Ela não se achava aqui à vontade. Sentia que qualquer pressão lhe manietava os voos. E tanto puxaram por elas, que as suas asas cansadas se quebraram... Vejam como ela canta o seu país sonhado:

Nesse país de lenda, que me encanta,
Ficaram meus brocados, que despi,
E as joias que p'las aias reparti.
Como outras rosas de Rainha Santa.

Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!...
Foi por lá que as semeei e que as perdi...
Mostrem-me êsse País onde eu nasci!
Mostrem-me o Reino de que eu sou Infanta!

Ó meu País de sonho e de ansiedade,
Não sei se esta quimera, que me assombra,
É feita de mentira ou de verdade!

Quero voltar! Não sei por onde vim...
Ah! não ser mais que a sombra duma sombra,
Por entre tanta sombra igual a mim!...

■

E é hoje uma sombra apenas, a desditosa, a grande poetisa.

Uma sombra que ainda faz sombra a tanto talento balofo a tantas rimas fúteis e inuteis que se infiltram nas carreiras dos grandes valores literários da nossa terra.

Uma sombra circundada de luz, uma sombra que se pressente, que se adivinha sempre junto de nós, a segredar-nos a miséria desta vida que a sua pobre alma desiludida não podia suportar, e que afinal encontrou o seu caminho...

Mercedes Blasco.

PORFIAS DE MANCHEGA

D. Carlota Joaquina e as suas ambições

Os intentos e os planos que nunca se lhe tiraram da alma

D. Carlota Joaquina

A rainha D. Carlota Joaquina, cuja memória está sendo execrada há uma boa centena de anos por uma série de circunstâncias fortuitas, ainda não foi julgada com aquela imparcialidade que deve orientar sempre o verdadeiro historiador.

Muito se tem escrito contra a celebrada espôsa de D. João VI, sem que se passe das cênas picantes da Quinta do Ramalhão, que, à medida que são repetidas, vão sendo aumentadas, consoante a imaginação do narrador.

O mesmo sucede com Bocage, apenas conhecido do nosso povo por algumas piadas grosseiras e soêzes que o suavissimo poeta dos "Sonetos» nunca poderia ter sonhado. Preguntem pelo lírico encantador dos "Idílios e Canções» ou pelo prodigioso tradutor de Anacreonte e Ovídio, que a maior parte da gente com pretensões a saber ler, não conseguirá descortiná-lo!

É triste, mas é assim mesmo.

Ora, a meu vêr, a raínha D. Carlota Joaquina está sofrendo um pouco dêsse mal.

Não quero com isto equipará-la em virtudes a uma santa Isabel ou a uma D. Felipa de Lencastre. Acredito mesmo no seu feitio leviano, herdado da mãe, essa famosa rainha Maria Luiza que o amante Godoy mimoseava, segundo é fama, com bem aplicadas tareias, ante a real indiferença do marido bonacheirão.

Mas nem tanto ao mar, nem tanto à terra...

Que fez D. Carlota Joaquina?

Casou com o infante que viria a ser rei de Portugal, e daí a sua desgraça.

Conseqüentemente, deu à luz os filhos Pedro e Miguel que se engalfinharam numa luta feroz, disputando cada um a primazia de ser Caím, por entre os rugidos sanguinários de vencidos e vencedores que a Convenção de Evora-Monte não conseguiu sufocar. Com um pouco da leviandade da raínha, um pouco da indolência tradicional do rei, e um muito da fervura das paixões políticas, a mãi do chefe dos miguelistas surgiu arvorada numa megera tão sórdida que até piôlhos criava na sua régia cabeça, segundo o depoimento da despeitada mulher de Junot.

Faça-se a história, mas serenamente, sem paixões.

A dança da maliciosa gitana

No dia 17 de Março de 1785, o conde de Louriçal, nosso ministro junto da côrte espanhola foi encarregado de pedir solenemente para o infante D. João a mão da infanta D. Carlota Joaquina que dali a uma semana completaria dez anos de idade. No dia 9 de Junho dêsse ano realizou-se o casamento em pessôa, mas não a união conjugal que só se efectuou dali a quatro anos.

Muito inteligente e estudiosa, a infanta espanhola fez todos os seus exames com distinção, rematando-os com bailados à inglesa e minuetes, muito em voga nêsse tempo. Mas as danças que mais a entusiasmavam eram as castelhanas castiças que só uma autêntica espanhola, como D. Carlota Joaquina sempre foi, conseguiria dançar com perfeição.

Lord Beckford conta que, visitando Queluz, a mulher de D. João VI o recebera na mata, cruzada sôbre um sofá e rodeada de espanholas sentadas no chão. Refere ainda que a princesa o fez dançar o *bolero* com algumas dessas damas, e, como lhe agradasse o espectáculo, o animava com freqüentes aplausos de *muy bien! muy bien!*

Quando não dançava, a princesa cantava trovas castelhanas, tendo preferência por uma que, por acertar com o seu temperamento insatisfeito, entoôu até ao fim da vida.

Começava assim:

En porfías soy manchega,
Y en malicia soy gitana;
Mis intentos y mis planos
No se me quitan del alma!

Os seus intentos e os seus planos! Pobre D. Carlota Joaquina! Filha primogénita do rei Carlos IV, e muito mais atilada do que os seus irmãos Fernando e Carlos Isidoro, a sucessão do trôno competia-lhe, se não se opuzesse a *lei sálica* promulgada por Felipe V que não concordava com soberanas de facto, mesmo que fôssem da envergadura de Isabel, a Católica!

O pai de D. Carlota Joaquina, reconhecendo os méritos desta princesa e a boçalidade comprovada de qualquer dos dois irmãos, decidiu revogar essa lei, o que fez por um decreto assinado em principios de 1788, mas que não foi publicado, visto aguardar-se prudentemente ocasião oportuna para o fazer aparecer. Nessa altura, já D. Carlota Joaquina era espôsa do infante D. João de Portugal que ainda não era o herdeiro do trôno, visto existir o seu irmão mais velho príncipe D. José.

É possível que o arguto Florida Blanca, primeiro ministro de Carlos IV, embora partidário dos direitos de sucessão da princesa, farejasse a morte do principe herdeiro português — facto ocorrido poucos meses após a assinatura do decreto — que tornaria o marido de D. Carlota Joaquina legítimo herdeiro do trôno de Portugal.

Quando se deu a invasão napoleónica e a família real portuguesa se refugiou no Brasil, seria natural que Portugal, tendo mudado a sua côrte para o Rio de Janeiro, investisse contra as colónias espanholas na América do Sul, em desforra do apoio da Espanha ás ambições do côrso, elevado a imperador da França.

Nada se fez, no entanto, em face da tradicional indolência de D. João VI que, ao despedir-se de Lisboa, deixara recomendado que recebessem bem os franceses...

D. Carlota Joaquina é que não se amoldava a uma tal situação. Dando largas ao seu espírito irrequieto e ambicioso, decidiu logo tirar partido dessas condições para se elevar até onde o seu desmedido orgulho lhe segredava.

As duas colónias espanholas mais cubiçadas eram Montevideu e Buenos Aires que passariam a constituír um reino poderoso do qual seria, por direito divino, a única e legítima soberana.

Em 21 de Março de 1808 — sempre o mês de Março em todos os grandes actos desta princesa! — D. Carlota Joaquina escreveu ao *cabildo* de Buenos Aires a notificar-lhe que, sendo a única Bourbon que se encontrava liberta das garras do Buonaparte, se julgava no direito e no dever se colocar à frente daquela colónia, principalmente para a defender de qualquer arremetida dos franceses.

A intriga continuou a desenrolar-se, consoante os intentos e os planos da audaciosa princesa que a si própria se definia na sua trova favorita:

En porfías soy manchega
Y en malicia soy gitana...

Em dado momento, como Montevideu abrisse hostilidades contra Buenos Aires, e vice-versa, D. Carlota Joaquina resolveu apoiar a primeira colónia, visto o *cabildo* da segunda não ter aceitado a sua protecção.

O «bolero»

Num acto magnânimo, enviou a Montevideu tôdas as suas joias para que fossem vendidas, e, com o produto da venda, custeassem as despezas mais urgentes. Apenas reservou para si um pregador de chaile que ostentava o retrato de seu "augusto esposo» D. João VI... Como se vê, nem qualidades diplomáticas faltavam à ambiciosa princesa!

A venda das joias rendeu 54 mil pesos que muito arranjo fizeram aos ingratos montevidenses.

Falharam os planos de D. Carlota Joaquina, mas subsistiram sempre os seus intentos. Tivesse ela uma aragem de sorte, e veriam a que ponto atingiria o seu ânimo varonil e vingativo!

Ao vêr-se ludibriada pelo ministro montevidense Casa Irujo, ao qual confiara as suas joias, não perdeu o seu bom humor nem a sua *malícia de gitana*. Repetia até, a cada passo, com ar zombeteiro, quando lhe falavam no desastrado desfecho das suas pretensões de mando sôbre as altivas colónias espanholas que não tardariam a emancipar-se:

"— O Irujo é um vendido ao oiro inglês. Já que tanto gosta de guineus, eu, logo que possa, hei de mandá-lo para a Guiné!»

D. João VI

Todos êstes contratempos não conseguiram domar o temperamento irrequieto dessa princesa que afirmava a sua altivez inquebrantavel, e que todos os embustes urdidos à sua volta, "ni amancillaran su honor, ni abatiran su espírito».

E assim era. Após as suas pretensões à corôa de Espanha, que seu irmão Fernando VII lhe usurpara, e a sua idea de reinar sôbre Buenos Aires e Montevideu, voltava-se agora para Portugal, cujo rei, a seu vêr, nem sabia ser bom marido nem bom soberano.

Foi ela que acirrou o seu filho Miguel contra o pai, fomentando a terrivel luta que havia de ensangüentar a terra portuguesa.

Tinha os seus planos, e estava no seu plenissimo direito. Assim acabou os seus dias, avelhentada, apesar de pouco passar dos 55 anos, transformada num farrapo humano, segundo o testemunho de alguns historiadores. Apresentava-se "mal vestida, suja, com um gibão de chita e uma fita de musselina na cabeça», e, acocorada sôbre uma esteira, passava horas e horas a repetir a trova que tanto lhe agradava:

En porfías soy manchega,
Y en malicia soy gitana;
Mis intentos y mis planos
No se me quitan del alma.

E assim morreu, quási pobre e endividada pelos azares da política e pelo que teve de gastar para colocar no trôno o seu querido filho Miguel como rei absoluto.

Foi êste o único plano que conseguiu vêr realizado. No fim da sua vida de maquinações e porfias, quando lhe apresentaram o testamento que ditara com ares de majestade intangivel, pegou na pena, e rubricou com as palavras — *Imperatriz-Rainha*.

E quem nos diz que essa mulher forte, que uns chamaram a "Judith lusitana» e outros a "Megera de Queluz», se tivesse ficado em Espanha, não teria, graças às prodigiosas faculdades de que era dotada, hombreado com a famosa Isabel, a Católica que todos respeitam?

Gomes Monteiro.

Palavras cruzadas

(Passatempo)

■	1	2	3	4		■	5	6	7	8		■
9	■	10			■	11	■	12			■	13
14	15	■		■	16		17	■		■	18	
19			■	20					■	21		
22		■	23	■	24			■	25	■	26	
	■	27		28	■		■	29		30	■	
■	31					■	32					■
33	■	34			■	35	■	36			■	37
38	39	■		■	40		41	■		■	42	
43			■	44					■	45		
46		■	47	■	48			■	49	■	50	
	■	51		52	■		■	53		54	■	
■	55					■	56					■

Horisontais:

1 — Nome da mulher; 5 — Brado; 10 — Altar; 12 — Bagatela; 14 — Marchar; 16 — Caridoso; 18 — Nota musical; 19 — Numeral; 20 — Estrofe; 21 — Cidade africana; 22 — Atmosfera; 24 — Retine; 26 — Estuda; 27 — Claridade; 29 — A favor; 31 — Resto; 32 — Farrapo; 34 — Lamentos; 36 — Catafalco; 38 — Artigo francês; 40 — Advérbio; 42 — Mágua; 43 — Animal coberto de penas; 44 — Ave; 45 — Lista; 46 — Oferta; 48 — Elogio; 50 — Perversa; 51 — Foz de certos rios; 53 — Advérbio; 55 — Metal; 56 — Mêdo.

Verticais:

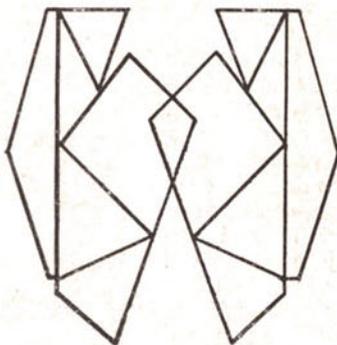
2 — Alem; 3 — Cólera; 4 — Apelido; 6 — Instrumento doméstico; 7 — Fruto; 8 — Rio; 9 — Desgastar; 11 — Arbustos; 13 — Operar; 15 — Mostrar alegria; 16 — Poeiras; 17 — Chamada; 18 — Amargo; 23 — Instrumento indispensável nas adegas; 25 — Membro do corpo humano; 27 — Mulher; 28 — Interjeição; 29 — Vencimento; 30 — Capa; 33 — Que vôa; 35 — Guia; 37 — Andar à volta; 39 — Mulher; 40 — Néctar; 41 — Astro; 42 — Graça; 47 — Regressar; 49 — À-vontade; 51 — Condenada; 52 — Vento; 53 — Catedral; 54 — Pedra circular.

O centenário do revólver

Está a fazer cem anos que o coronel do exército americano, Colt, apresentou o seu primeiro modêlo «de aparelho portátil, cómodo e rápido para a defesa pessoal».

De então para cá, êsse aparelho portátil a que se chamou «revólver» tem tido bastante uso. Tem-se mesmo usado e abusado dêle até, e nos Estados Unidos ainda mais que em qualquer outra parte.

Desenho a traço contínuo

(Passatempo)

Esta figura, mais complicada que as outras ultimamente apresentadas aqui, é também para ser desenhada com um único traço contínuo, sem cruzar as linhas nem passar duas vezes pela mesma linha.

Um correspondente da cidade do Cabo conta para um jornal de Madrid que numa quinta de Dushiveld há um cavalo que tem o mau hábito de comer todos os ovos de galinha que apanha a jeito.

Durante muito tempo o dono andou preocupado com o desaparecimento dos ovos da capoeira, e por isso resolveu pôr se à espreita sem nada conseguir apurar, até que uma manhã foi encontrar o cavalo dentro da galinheira, cuja porta, o inteligente animal tinha aprendido a abrir e a fechar, servindo-se para isso da grande mobilidade dos lábios característica do género.

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —.
Copas — R. V. 8.
Ouros — A. 3.
Paus — A. 2.

Espadas — — — —.
Copas — 10, 9, 7.
Ouros — R. 8.
Paus — D. 10.

N
O **E**
S

Espadas — R. 10.
Copas — D.
Ouros — 10, 4.
Paus — R. V.

Espadas — A. D. V.
Copas — — — —.
Ouros — D. 9, 5.
Paus — 3.

Trunfo é espadas. *S* joga e faz as vasas todas

(Solução do número anterior)

S joga seguidamente as três cartas firmes de paus — Rei, Dama e Valete de paus, baldando-se *N* a Rei, Dama e Valete de ouros.

S joga depois as suas três cartas de ouros, 10, 9 e 8, obrigando *O* a perder as defezas em copas e espadas ou a firmar o 5 de paus de *S*, se se baldar ao 10 de paus.

N balda-se três vezes regulando as baldas pelas de *O*, fazendo *N* e *S* tôdas as vasas.

Xadrez

(Solução)

1	**2**	**3**
D 2 B D	B 6 C D +	D 7 B +
P 3 T D	R × B	M.
. . . . .	D 3 C	D 3 T +
R 5 C	R 4 T	M.
. . . . .	D 6 B D	B 3 B D +
P 5 C D	P 6 C D	M.

Ainda outra solução que tambem satisfaz:

1	**2**	**3**
D — 6 B D	B — 3 B D	D — 6 T D +
R — 5 T D	R — 6 T D	M.
. . . . .	R — 7 C D	B — 3 B D +
P — 5 C D	P — 6 C	M.
. . . . .	B — 3 B D	D — 6 T D +
R — 5 C D	R — 5 T	M.

As mulheres e os sonhos

Quem sonha mais a miudo — durante o sono, bem entendido — os homens ou as mulheres? Tal é o problema psico-fisiológico que se propôs estudar, há anos, um médico vienense, cuja escialidade era esta classe de estudos cerebrais.

A resposta foi publicada depois de muitas estatísticas, numa revista austríaca.

Treze homens por cada 100, e 33 mulheres, também por cada 100 sonham quando dormem.

O número de homens que sonham com freqüencia é de 27 por 100, e o de mulheres é de 45 por 100.

Em geral. póde dizer-se que o belo sexo tem dobrada propensão para sonhar, do que tem o sexo forte.

Em cada 100 pessoas, 9 ignoram por completo o que seja sonhar, e 14 por 100 não sonham senão rarissimas vêzes.

Economias

— É como vês. Agora tenho só uma dactilógrafa para duas máquinas. Precisei fazer economias.
— Também eu precisei. Desfiz-me de duas máquinas e fiquei com as dactilógrafas.

(«*Il Travaso*», Roma)

Transformação

FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO SUNFLOWER

1515